



UNIVERSIDADE FEDERAL
DO RIO DE JANEIRO



Mestrado Profissional em Linguística e Línguas Indígenas

**LÍNGUA TERENA:
PROSÓDIA, SEMÂNTICA E
ASPECTOS DA PRÁTICA ESCOLAR**

por

ARONALDO JÚLIO

Dissertação de Mestrado apresentada ao Mestrado Profissional em Linguística e Línguas Indígenas da Universidade Federal do Rio de Janeiro como quesito para a obtenção do Título de Mestre em Linguística e Línguas Indígenas.

Orientadora: Profa. Doutora Ana Paula Quadros Gomes (UFRJ)

Coorientador: Prof. Doutor: Fernando Orphão de Carvalho (UNIFAP/ UFRJ)

RIO DE JANEIRO

FEVEREIRO DE 2018

Mestrado Profissional em Linguística e Línguas Indígenas

**LÍNGUA TERENA: PROSÓDIA,
SEMÂNTICA E ASPECTOS DA PRÁTICA
ESCOLAR**

ARONALDO JÚLIO

Dissertação de Mestrado apresentada ao Mestrado Profissional em Linguística e Línguas Indígenas da Universidade Federal do Rio de Janeiro como quesito para a obtenção do Título de Mestre em Linguística em Linguística e Línguas Indígenas.

Orientadora: Profa. Doutora Ana Paula Quadros Gomes (UFRJ)

Coorientador: Prof. Dr. Fernando Orphão de Carvalho (Unifap/ UFRJ)

Linha de pesquisa:

Descrição, Análise e Documentação de Línguas Indígenas

RIO DE JANEIRO

FEVEREIRO DE 2018

Júlio, Aronaldo

Língua Terena: prosódia, semântica e aspectos da prática escolar /
Aronaldo Júlio. – Rio de Janeiro, 2018.
110f.

Orientadora: Ana Paula Quadros Gomes.
Coorientador Fernando Orphão de Carvalho.

Dissertação (mestrado profissional) em Linguística e Línguas Indígenas
– Universidade Federal do Rio de Janeiro, Museu Nacional, 2018.

1. Terena. 2. Escrita e segmentação. 3. Diferenças entre domínios
prosódicos, sintático e semântico. 4. Determinantes ra e ne. 5. Plural –hiko.
I. Ana Paula Quadros. II. Carvalho, Fernando Orphão de. III. Título.

Mestrado Profissional em Linguística e Línguas Indígenas

Museu Nacional-Universidade Federal do Rio de Janeiro

**LÍNGUA TERENA: PROSÓDIA, SEMÂNTICA E ASPECTOS
DA PRÁTICA ESCOLAR**

Aronaldo Júlio

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Ana Paula Quadros Gomes (UFRJ)

Coorientador: Prof. Dr. Fernando Orphão de Carvalho (UNIFAP)

Dissertação de Mestrado submetida ao Mestrado Profissional em Linguística e Línguas Indígenas da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, como parte dos requisitos necessários para a obtenção do título de Mestre em Linguística e Línguas Indígenas.

Examinada por:

Prof^a. Dra. Ana Paula Quadros Gomes (PROFLLIND- MN- UFRJ e Pós-Vern. UFRJ)

Prof. Dr. Fernando Orphão de Carvalho (PROFLLIND- MN- UFRJ e UNIFAP)

Prof^a. Dra. Jaqueline dos Santos Peixoto (PROFLLIND- MN-UFRJ e PROFLETRAS da UFRJ)

Prof. Dr. Fábio Bonfim Duarte (Pós-Ling- UFMG)

Prof^a. Dra. Marília Lopes da Costa Facó Soares (PROFLLIND- MN- UFRJ) (suplente)

Prof. Dr. Eduardo Vasconcelos (UNIFAP) (suplente)

À minha esposa,

Marlene Antonio da Silva,

e às minhas filhas, Marliane A. Júlio,

Liliane A. Júlio e Libiane A. Júlio.

AGRADECIMENTOS

Expresso minha eterna gratidão a Deus, pela graça concedida na minha vida.

Agradeço a toda minha família, que colaborou muito na minha pesquisa, nas entrevistas; à minha mãe Antonia José, que me ajudou muito com os conselhos para focar bem no estudo; às minhas irmãs Arlene Júlio, Alenice Júlio, Adenice Júlio; aos meus irmãos Adilson Júlio e Amarildo Júlio, que colaboraram nas entrevistas; e ao meu sobrinho Odinilson Júlio Felipe, que também prontamente quis participar da entrevista.

Às minhas filhas Marliane A. Júlio, Liliane A. Júlio e Libiane A. Júlio, que sempre estiveram ao meu lado durante toda trajetória do curso.

À minha esposa Marlene Antonio da Silva, pelo apoio, pela compreensão, pela paciência e pelo companheirismo, e por incentivar e respeitar os meus sonhos.

Ao meu sogro Aristides Antonio e à minha sogra Astéria da Silva, pelo apoio e compreensão.

Ao professor Dr. Rogerio Vicente, pelo incentivo nesse curso.

À professora Dr^a Claudete Cameschi de Souza, que incentivou e acreditou no potencial do povo Terena, ensinando-nos de lições de confiança e compromisso durante a trajetória da vida acadêmica.

Ao Professor Dr. Fábio Bonfim Duarte, pelo apoio, incentivo e pela ajuda na elaboração de projeto para mestrado.

Ao professor Fernando Orphão de Carvalho, pela orientação e ajuda na elaboração de projeto de pesquisa de que esta dissertação é resultado.

À professora Dr^a Ana Paula Quadros Gomes, pela orientação e ajuda na elaboração de projeto de pesquisa de que resultou esta dissertação.

A todos os colegas do Mestrado Profissional em Linguística e Línguas Indígenas – PROFLLIND (UFRJ) –, por todos os momentos compartilhados.

Aos entes queridos, colegas Reinaldo Tikuna e Benezete Mura, que sonharam chegar até aqui, mas que estão junto conosco, dentro dos nossos corações.

A todos os professores do Mestrado Profissional em Linguística e Línguas Indígenas – PROFLLIND (UFRJ) –, os quais diretamente contribuíram para a minha formação acadêmica.

Agradeço em especial à professora Dr^a Marília Lopes da Costa Facó Soares, Coordenadora do Mestrado Profissional em Linguística e Línguas Indígenas – PROFLLIND –, que lutou e contribuiu não só para o meu crescimento intelectual e profissional, mas para o de todos os indígenas de etnias diferentes envolvidos nesse curso.

Agradeço à minha comunidade indígena do povo Terena e a suas lideranças tribais, que reconheceram e acreditaram no valor dessa pesquisa durante toda as etapas desse trabalho.

Agradeço aos colegas especiais do trabalho e aos professores indígenas que me incentivaram em todos os momentos a levar avante meus estudos.

Quero deixar registrado também meus agradecimentos aos membros da banca examinadora, a saber: professores Ana Paula Quadros Gomes, Fernando Orphão de Carvalho, Fábio Bonfim Duarte e Marília Facó Soares, cujos comentários e críticas contribuíram para o aperfeiçoamento do presente trabalho.

Por fim, quero agradecer também ao Museu Nacional – MN – UFRJ, pelo Mestrado Profissional em Linguística e Línguas Indígenas – PROFLLIND, por terem acolhido os indígenas de etnias diferentes para a realização desse curso.

JÚLIO, Aronaldo. **Língua Terena: Prosódia, Semântica e Aspectos da Prática Escolar**. 2018. 110 f. Dissertação (Mestrado Profissionalizante em Linguística e Línguas Indígenas) - Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

RESUMO

Nessa dissertação temos dois objetivos: primeiro, procuramos contribuir para a descrição da língua Terena (família Aruák, Mato Grosso do Sul), para entender melhor os seus fenômenos gramaticais (semânticos e sintáticos) e fonológicos. Vamos assim aprofundar o conhecimento que existe sobre essa língua. Em segundo lugar, vamos tentar mostrar que esse conhecimento pode ajudar a compreender melhor certos problemas que surgem na prática da docência escolar indígena, em especial no ensino da escrita. As características gramaticais de alguns elementos gramaticais da língua Terena, como os Determinantes *ra* e *ne*, e do marcador de Plural *-hiko*, podem ajudar os professores e os outros membros da comunidade a entender certos problemas da escrita desses elementos, e tentar encontrar respostas para essas questões. Vamos mostrar que os Determinantes *ra* e *ne* são clíticos, e que podem aparecer na fala presos às vezes à palavra que ocorre antes (enclíticos) e às vezes à palavra que vem depois (proclíticos). Quando olhamos para a sintaxe e a semântica, no entanto, vemos que eles modificam a palavra que vem depois deles. Podemos mostrar também que mesmo quando *ra* e *ne* são pronunciados junto com outra palavra, eles são diferentes dos sufixos, porque os sufixos causam mudança no acento da palavra, mas não os Determinantes. O marcador de Plural *-hiko* é diferente de *ra* e de *ne* porque nunca ocorre como proclítico, mas tem um comportamento igual porque não causa mudança no acento da sua base. Explicamos essas diferenças pela proposta de que os sufixos que mudam o acento formam uma palavra fonológica com a base na qual se prendem, mas os outros elementos não, porque formam só uma frase fonológica. Quando temos o conhecimento dessas características, podemos explicar as dificuldades da escrita desses elementos linguísticos da seguinte maneira: os Determinantes *na* e *re*, e também o marcador de Plural *-hiko*, são às vezes escritos juntos com outra palavra, quando o falante representa a frase fonológica na escrita, mas são escritos separados quando o falante indica que eles são elementos que tem um significado próprio, que são morfemas diferentes. Podemos argumentar, então, que essas diferentes segmentações na escrita não são erros causados por falta de conhecimento da língua, mas refletem com o falante resolve representar a estrutura da língua na escrita. O conhecimento dessa realidade pode ser utilizado pelo professor para melhor adequar seu ensino de língua e escrita Terena à realidade da comunidade e dos falantes.

PALAVRAS-CHAVE: Terena; escrita e segmentação; diferenças entre os domínios prosódico, sintático e semântico; Determinantes *ra* e *ne*; plural *-hiko*

JULIO, Aronaldo. **Terena Language: Prosody, Semantics e Aspects of Teaching Practices**. 2018. 110 pp. Dissertação (Mestrado Profissionalizante em Linguística e Línguas Indígenas) - Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

ABSTRACT

This dissertation's goal is twofold. First, we aim to give a contribution for the description of the Terena language (Aruák family, Mato Grosso do Sul, Brazil), in order to understand more of its grammatical phenomena (semantic, syntactic and phonological). Therefore, we wish to add something new to the current knowledge of the language. In the second place, we wish to show how such a grammar knowledge sheds light into certain issues related to the practice of indigenous teachers, moreover in writing. By understanding the behavior of some elements of Terena grammar, such as the Determiners *ra* and *ne*, and as the plural marker *-hiko*, teachers and community members will have a new perspective on some writing problems, finding a guide to resolve their doubts. We claim that the Determiners *ra* and *ne* are clitics. They may occur enclitically or proclitically in speech. Syntactically and semantically, however, they always modify the following word. We also claim that those Determiners are distinct from suffixes, even when pronounced within another word. Suffixes change the word accent, while *ra* and *ne* do not. The plural marker *-hiko* never occurs proclitically, but as well as *ra* and *ne*, *-hiko* does not change the accent of its base. We explain those facts by assuming that whenever a suffix changes the accent of its base, that suffix integrates a phonological word with its base. That knowledge gives a new perspective for the writing difficulties found in Terena schools. The Determiners *na* and *re*, as well as the plural marker *-hiko*, are written together with another word when the speakers represent the phonological phrase in writing. They are written apart from the previous and from the following words when the speakers recognize them as morphemes endowed with a proper meaning. Therefore, we can analyze the different segmentations attested in writing as a reflex of the choices by the speakers of representing one or another aspect of the language structure when writing. The recognition by the teachers of a phonological option and of a semantic-syntactic option of language segmentation can become a powerful tool for better practices, helping to adequate the teaching practices to the speaker's community reality.

KEY WORDS: Terena language; writing and segmentation; non-coincidence of prosodic, semantic and syntactic domains; Determiners *ra* and *ne*; the plural marker *-hiko*

LISTA DE ABREVIATURAS

AC = acusativo

1 = 1ª. pessoa

1Pl = 1ª. pessoa do plural

1sg = 1ª. pessoa do singular

3 = terceira pessoa

3.Pl = 3ª. pessoa do plural

3sg = 3ª. pessoa do singular

BEN = benefactivo

Concl = conclusivo (aspecto)

Cont = continuativo (aspecto)

DET = determinante

ENF = (elemento) enfático

Fut - futuro

Obj = objeto direto (complemento verbal)

Pl – plural

t. = tempo

Vrb = verbalizador

REFL = reflexivo

SUMÁRIO

1. Introdução	1
1.1. O povo terena	2
1.2. A educação indígena	13
2. Fundamentos teóricos.....	31
2.1. Língua e escrita.	31
2.2. “Palavras” e morfemas.	33
3. A escrita da língua terena	36
3.3. Problemas de Segmentação na Escrita Terena.	41
4. Domínios prosódicos na morfologia do Terena: metodologia e resultados da investigação ...	47
4.1. Métodos e natureza dos dados.	47
4.2. Resultados: A palavra fonológica em Terena.	50
4.2.1. Os Determinantes <i>ne</i> e <i>ra</i>	53
4.2.2. Os Determinantes <i>ne</i> e <i>ra</i> e a prosódia.	59
4.2.3. O marcador de Plural <i>-hiko</i>	63
4.2.3.1 A Semântica dos Sintagmas Nominais em Terena.....	65
4.2.3.2 A distribuição e o significado do marcador de plural <i>-hiko</i>	66
4.2.3.3 A distinção contável-massivo em Terena.	71
4.2.3.4. O comportamento prosódico do sufixo <i>-hiko</i>	82
5. Conclusão: Domínios Prosódicos e a Escrita da Língua Terena.	84
REFERÊNCIAS.....	86
Anexo 1 – Exemplos de segmentação de textos escolares em língua Terena	88
Anexo 2 – Exemplos de elicitación semântica.....	97

1. Introdução

O trabalho que aqui apresentamos, nossa Dissertação de Mestrado, tem como objetivo entender melhor a estrutura gramatical da língua Terena, uma língua da família Aruák, que é falada por quase 26.000 indígenas no estado do Mato Grosso do Sul. A nossa preocupação e a nossa motivação para produzir essa Dissertação é de dois tipos. Em primeiro lugar, queremos, como dissemos, contribuir para a descrição linguística do Terena, aumentando e aprofundando o conhecimento que existe sobre essa língua. Por outro lado, vamos buscar que esse conhecimento possa servir para auxiliar os professores e organizadores, que trabalham na educação escolar indígena, para compreender melhor a língua, o seu uso e melhorar as formas de ensiná-la. Nosso foco principal está na relação entre a língua Terena e o seu sistema de escrita. Em nossa experiência na educação indígena, pudemos perceber alguns problemas que existem na fixação e na criação de uma norma escrita para a língua, o que produz muita confusão entre alunos, professores e outros envolvidos.

Essa dissertação está organizada da seguinte forma: ainda nesta introdução, nas próximas subseções do capítulo 1, vamos falar do povo Terena e discutir a família Aruák e algumas características gerais da gramática Terena. No capítulo 2, iremos abordar os fundamentos teóricos do nosso trabalho. Os primeiros fundamentos discutidos, na seção 2.1, dizem respeito à relação entre língua e escrita. Na seção seguinte, vamos discutir alguns pressupostos sobre as estruturas linguísticas mais relevantes para a nossa pesquisa. Em especial, apresentaremos os conceitos de *palavra fonológica*, *palavra gramatical*, *palavra gráfica* e de *morfema*.

No capítulo 3, vamos apresentar a língua Terena e o seu sistema de escrita. Nesse capítulo, vamos introduzir alguns dos problemas na escrita da língua Terena que motivaram o nosso trabalho. Esses problemas dizem respeito à forma como os falantes

marcam as fronteiras entre palavras quando escrevem na língua, e que podemos atestar na prática da atividade de docência nas escolas indígenas. Existe muita diferença entre os falantes no momento de escrever certos elementos da língua, como o marcador de plural *-hiko* e os Determinantes *ne* e *ra*. Esse problema não é visto somente na escrita dos alunos jovens e crianças, mas também aparece na escrita dos falantes adultos e dos professores.

No capítulo 4 vamos discutir as contribuições da nossa dissertação para o estudo da língua Terena. Com a descrição fonética e com a análise da sintaxe da língua, vamos mostrar que os Determinantes *ne* e *ra* são um tipo de elemento gramatical, de morfema, conhecido como *clítico*. Também vamos explorar algumas questões relacionadas com a semântica do marcador de plural *-hiko*, para dar uma descrição melhor do seu significado. Vamos estudar também, com esse objetivo, a diferença entre nomes contáveis e massivos na língua Terena. No final dessa seção, vamos examinar as propriedades prosódicas de *-hiko*, que é parecido nesse aspecto com os Determinantes *ne* e *ra*.

No capítulo 5, o final e de conclusão, vamos dizer que são as propriedades e características que descrevemos sobre *-hiko* e sobre os Determinantes que explicam por que os falantes — professores e alunos da escola indígena — e os membros da comunidade têm problemas na hora de escrever esses morfemas na língua Terena, por que escrevem com segmentação diferente, às vezes junto, e às vezes, separado. Vamos mostrar então que a pesquisa linguística pode explicar isso e assim ajudar a entender um problema real enfrentado pela comunidade quando vai escrever na sua língua.

1.1. O povo terena

Os Terena, que falam uma língua da família Aruák, formam um dos mais numerosos povos indígenas do Brasil, com aproximadamente 26.000 indivíduos vivendo

em 15 terras indígenas, em sua maioria distribuídas pelo oeste e sudoeste do estado do Mato Grosso do Sul, e uma delas localizada no estado de São Paulo, a Terra Indígena Araribá. No passado, os Terena, junto com outros grupos, como os Kinikinau e os Laiana, eram coletivamente agrupados sob o nome de ‘Guanás’. Eles todos falavam uma mesma língua, com poucas diferenças dialetais.

Nas décadas finais do século 18, os Guanás empreenderam uma migração, isto é, saíram da margem oriental do Rio Paraguai, uma região conhecida como o Chaco, e, cruzando esse rio, se instalaram no território do Brasil. Esse evento é ainda hoje lembrado como a Migração do Êxiva, nome que os Terena dão à região do Chaco.

Além do nome *Terena*, esse povo identifica-se também pelo nome de *kopénoti*, termo às vezes traduzido como ‘indígena’, diferentemente de *purutúye*, o nome dado aos brasileiros não-indígenas. *Têrenoe*, uma variante mais tradicional do nome *Terena*, também é usado em alguns contextos. A língua Terena é muitas vezes chamada de *emó’u têrenoe* ‘fala dos Terena’ (mais detalhes no capítulo 3, sobre a escrita e os sons da língua Terena).

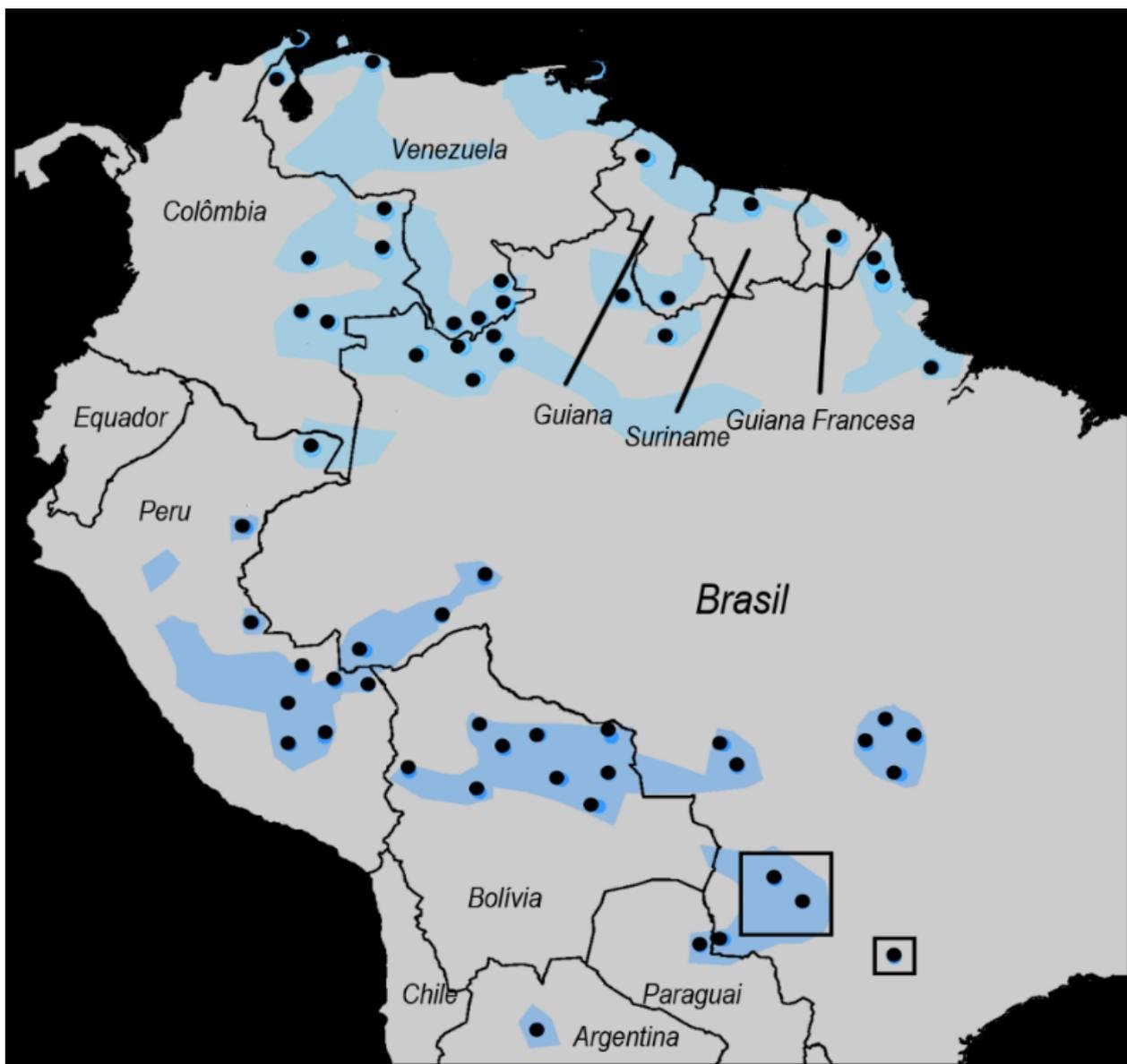
Os Terenas são um dos subgrupos Guaná ou Txané, do grande grupo Aruak. Os povos Aruak habitavam um grande território no norte do continente sul-americano, desde junto aos rios Orinoco, Negro e afluentes; e de junto aos rios Japurá e Solimões, Purus, Juruá; até junto às nascentes do rio Ucayali. Concentravam-se principalmente na Bolívia e na região do Xingu. Os Terenas são o povo Aruak que está mais para o sul, habitando a região em torno dos rios Aquidauana e Miranda, no Mato Grosso do Sul. Hoje há Terenas também na região de Bauru (interior do estado de São Paulo).

Os primeiros indígenas com os quais os invasores europeus tiveram contato, os *Tainos* da ilha de Hispaniola (atual República Dominicana), eram falantes de uma língua

Aruák. Os Guanás, antepassados dos Terena, dos Kinikinau e dos Laiana, ocupavam o extremo sul dessa área, incluindo regiões do Paraguai e do norte da Argentina.

A região na qual hoje vivem os Terena está indicada por um quadrado no mapa abaixo, que apresenta ainda uma localização aproximada da maioria dos povos e línguas Aruák.

Figura 1. Mapa com distribuição das línguas e povos Aruák.



A História dos Terenas se divide em três fases, segundo o próprio povo: Tempos Antigos, Tempos de Servidão e Tempos Atuais. Sua trajetória foi pontuada por acontecimentos marcantes: a vinda dos Guanás para o Brasil, a chegada dos portugueses ao Brasil, a Guerra do Paraguai, a chegada de Rondon ao Mato Grosso do Sul, para a instalação de linhas telegráficas; a construção da ferrovia e a criação da Serviço Nacional de Proteção aos Índios (SPI), depois extinto e substituído pela Fundação Nacional do Índio – FUNAI –, na Ditadura.

Os Tempos Antigos são o período de ondas de migrações transcorridas até o século XVIII, na direção do interior do Brasil. Atravessando o rio Paraguai, os Guanás deixaram o Êxiva (região do Chaco paraguaio), onde havia minas de metais preciosos que atraíram os espanhóis, para se estabelecerem na área que hoje é conhecida como Mato Grosso do Sul, espalhando-se por um vasto território. Os Guanás eram agricultores, e os Guaicurus, seus vizinhos e aliados, guerreiros. Os Guanás utilizavam facas e machados dados pelos Guaicuru na agricultura. Os Guaicuru ficavam com produtos agrícolas, roupas de algodão e cobertores produzidos pelos Guanás. Havia casamentos entre os dois povos. Um povo beneficiava o outro.

A região do Mato Grosso era desabitada quando os Guanás chegaram. Quando os portugueses chegaram ao interior do Brasil, encontraram os Terenas nessa região, como atestam documentos de 1760. Somente no início do século XVIII viriam os portugueses, atrás de ouro. No início, fortes portugueses, construídos para prevenir os avanços dos espanhóis fronteira a dentro, como o de Coimbra (1775), o de Dourado e o Presídio de Miranda (1778), conviviam pacificamente com os Guanás e os Guaicurus. Em 1791 foi assinado um tratado entre os Guaicuru e os portugueses. Isso mudou o relacionamento entre os Guaicurus e os Guanás, e os Guanás tiveram de procurar também se acertar com os portugueses.

À época de D. Pedro II, viajantes escreveram sobre a vida dos “terenos”, os descendentes dos Guanás, dizendo que eram bons agricultores e que falavam, além da língua terena, um pouco de português. A Guerra do Paraguai, que durou mais de cinco anos, foi um dos episódios mais sangrentos da História do Brasil. A população paraguaia foi reduzida a um sexto nesse conflito. Pelo lado do Brasil, lutaram escravos negros, a quem o imperador Pedro II prometeu a liberdade quando a guerra acabasse. No império brasileiro, era explorada a mão-de-obra escrava, e a cidadania excluía a população não-branca. O alistamento compulsório no exército se aplicava aos escravos e aos pobres brasileiros. Indígenas do Mato Grosso também foram recrutados. Os Guaicurus lutaram; os Terenas, além de lutarem contra os paraguaios, também forneciam alimentos aos combatentes. Segundo relatos de Taunay, durante a Guerra, muitos Terenas foram vítimas de doenças mortais, como o cólera. Os Terenas da aldeia de Naxedaxe tiveram de roubar as armas do depósito de Miranda para sua proteção, pois o exército brasileiro não queria ceder armamentos aos indígenas para que se defendessem de ataques inimigos. Os paraguaios destruíram diversas aldeias, como a de Ipégue, citada por Rondon. Ao longo do conflito, os Terenas deixaram suas terras para guerrear ou para se protegerem dos ataques inimigos. Após o fim da guerra, travada exatamente na região que habitavam antes dela, ao retornarem aos locais de aldeamento, encontraram suas terras ocupadas por brancos que tinham estado no exército brasileiro e por brancos comerciantes que tinham abastecido o exército durante o conflito. Em vez de garantir a restituição de suas terras aos Terenas, o Governo brasileiro passou a incentivar a ida de brancos para a região após o fim da guerra, para criação de gado e para formar plantações. Aí começa o período conhecido como Servidão, em que os Terenas, impossibilitados de tirar seu sustento de suas terras, precisavam trabalhar nas fazendas que os cercavam para sobreviver. O trabalho era escravo: abria-se uma caderneta, e os “ganhos” pela produção eram anotados

ao lado das “despesas” devidas pela comida consumida, moradia etc.; assim, os trabalhadores estavam sempre em dívida, sem nada ter para receber e sem poder ir embora dali. Castigos físicos desumanos eram empregados para manter a disciplina. Os Terenas que não queriam se sujeitar a isso se afastavam, deixando mais espaço para a ocupação branca.

Como forma de garantir o controle do território brasileiro pelo Governo, em 1888 foi criada a Comissão Construtora de Linhas Telegráficas. A partir de 1889, com o início da República, o Governo brasileiro passou a investir em telégrafos e em estradas de ferro. A primeira linha de fios telegráficos foi planejada para ir de Franca (SP) a Cuiabá (Mato Grosso), sob a coordenação do Marechal Rondon, que colocou primeiro os Bororos, e, depois, os Terenas, para trabalhar com ele. Outra ação de controle de território pelo Governo foi a abertura de estradas. A construção da Estrada de Ferro Noroeste do Brasil, ligando Bauru (SP) a Corumbá (Mato Grosso), que também é fruto do trabalho dos Terenas, facilitou o acesso ao interior do Brasil, quintuplicando em alguns anos a população branca na área do atual Mato Grosso do Sul. Esses não-índios se estabeleciam nas terras antes ocupadas pelos indígenas, e usavam métodos violentos para manter-se na posse delas. Já na época da construção da estrada de ferro, o trecho que estava sendo aberto em território Kaingang piorou o conflito deles com os fazendeiros de café. O SPI foi chamado para resolver a situação. O SPI foi criado em 1910 para resolver conflitos entre brancos e índios, e, enquanto chefiado por Rondon, buscava resolver os desentendimentos de forma não violenta. Com a intermediação do SPI, os Kaingangs receberam um território pequeno para aldeamento, e permitiram que a estrada de ferro fosse completada.

Assim como quando participaram da Guerra do Paraguai, os Terenas que participaram da construção do trecho da estrada de ferro no Mato Grosso queriam com

isso que o Governo garantisse para eles a posse de suas terras. A demarcação das terras de Cachoeirinha e Bananal/Ipegue começou em 1905, e o reconhecimento do SPI só veio em 1911. Outras regiões foram demarcadas pelo SPI então, até 1918. Mas a área total demarcada era muito menor que o território ocupado pelos Terenas antes da Guerra do Paraguai. Por isso, parte dos Terenas teve de continuar a trabalhar nas fazendas. Outra parte migrou para as cidades, atrás de trabalho. Além disso, a cultura Terena não foi respeitada pelo SPI na hora de organizar o aldeamento em moradia, nas roças, nas cerimônias etc. O encarregado do posto decidia a vida dos Terenas sem levar em conta a vontade deles. Nesse tempo, os Terenas não podiam viver como queriam. Segundo Roberto Cardoso de Oliveira, na década de 50 apenas 17% dos Terenas viviam só do seu artesanato e da sua roça; 37% precisavam também trabalhar para os brancos de tempos em tempos para se manter, e 46% vivam só como mão-de-obra para os brancos.

O golpe de Estado de 1964 fechou o SPI, criando, em 1987, a FUNAI. Na prática, os administradores da FUNAI trabalhavam para os fazendeiros, ganhando dinheiro para levar indígenas para trabalhar nas fazendas. Por volta de 1990, a única opção para os jovens que não queriam trabalhar nas fazendas dos brancos era ir para a cidade, procurar serviço. Para poderem viver de sua roça e de seu artesanato, os Terenas precisavam de mais terras e de poder decidir sozinhos o seu modo de vida.

Esses índios contribuíram para a formação do Sudoeste brasileiro desde o tempo dos primeiros moradores portugueses; foram mão-de-obra das fazendas que começaram a proliferar depois da guerra do Paraguai, conflito que foi vencido graças à participação terena na luta contra o exército paraguaio. A conquista do território terena foi resultado de uma longa luta por parte desse povo. À época da guerra do Paraguai, com D. Pedro II, os Terenas eram a maior população indígena da região de Miranda, espalhada por mais de dez aldeias, segundo Taunay (*apud* Vargas 2003). Os Terenas lutaram por seis anos

na Guerra contra o Paraguai (1864-1870). Viam sua participação nessa guerra como uma forma de reivindicar os territórios ocupados por eles anteriormente ao conflito, localizados no estado do Mato Grosso – hoje estado do Mato Grosso do Sul. Consta que mais de 200 Terenas foram incorporados à Guarda Nacional. À época do conflito, os Terenas sofriam com falta de alimentos, sem caça; e caçavam cabeças de gado das fazendas das cercanias para sobreviver. Temiam represálias dos fazendeiros e/ou ações governamentais contra eles, e viam no alistamento uma solução para essa situação de iminente perigo em que se encontravam. Os indígenas, porém, não recebiam armas do exército brasileiro, sujeitando-se a serem alvos dos paraguaios. O saldo do fim da Guerra foi de muitos mortos e doentes, além do esgotamento dos recursos alimentícios nos locais em que viviam os indígenas, levando a um período de grande privação. Com o fim da guerra, o governo brasileiro incentivou os “Purutuyés” (homens brancos) a se instalarem na região em que, anteriormente, habitavam os Terenas. Fazendas ocuparam os locais em que os indígenas viviam antes da guerra, deixando-os desterritorializados. Eles tiveram que regressar aos locais em que tinham vivido durante a guerra. Mas mesmo lá, os fazendeiros não os queriam por perto, temendo que eles se revoltassem.

Os Terenas denunciaram sua situação s ao Diretor Geral dos Índios, Antônio Luis Brandão, em 1871. Os Terenas reivindicaram várias vezes, ao Governo brasileiro, a retomada da posse de seus territórios, mas não foram atendidos. O Terena Joaquim Victorino, conhecido como Capitão Vitorino, que habitava uma aldeia na região de Miranda, conduziu seu povo para a região de Nioaque, onde seria constituída depois a Reserva Indígena de Brejão (Capitão Vitorino). A Diretoria Geral dos Índios documentou a concentração dos Terena, que se concentrou em torno dos rios Miranda e Aquidauana. A legalização da aldeia de Cachoeirinha como Reserva Indígena deu-se somente em 1905; as outras aldeias só viriam a ser declaradas território terena muito tempo depois.

A criação da reserva de Cachoeirinha, com uma área de 3.200 hectares, marca o início da demarcação da área indígena pelo Marechal Cândido Mariano Rondon, tendo acontecido à época da instalação de linhas telegráficas em Mato Grosso. O SPI foi criado em 1910, e, no ano seguinte, reconheceu a demarcação do Território Indígena (TI) de Cachoeirinha. Já em 1904, o Marechal Cândido Mariano Rondon tinha solicitado ao Governo que garantisse aos Terenas o direito a suas terras. Foi feito um acordo entre os fazendeiros e os indígenas, com os fazendeiros conservando parte da área invadida. A construção da Estrada de Ferro Noroeste do Brasil (NOB), em 1920, facilitou a ocupação do Mato Grosso por não-índios, cercando os Terenas de fazendas. O Marechal Rondon testemunha sobre o tempo de servidão dos Terenas, quando, após a guerra, tiveram de aceitar ser mão-de-obra escrava nas fazendas instaladas onde tradicionalmente seriam as suas terras:

"São comumente explorados pelos fazendeiros. É difícil encontrar um camarada Terena que não deva ao seu patrão os cabelos da cabeça... Nenhum 'camarada de conta' poderá deixar o seu patrão sem que o novo senhor se responsabilize. E, se tem a ousadia de fugir, corre quase sempre o perigo de sofrer vexames, pancadas e não raras vezes a morte, em tudo figurando a polícia como coparticipante de tais atentados" (Rondon 1949: 83-84).

O primeiro líder da Aldeia Cachoeirinha, Josezinho Felipe, foi apelidado de “Kali Síni” – herói indígena. Foi um pajé muito temido e respeitado pelo povo terena. Em 1940, o Cacique José Timóteo dividiu a Cachoeirinha em setores: além da sede, a Aldeia Cachoeirinha, foram criados o setor Morrinho, o setor Argola, o setor Campão-Babaçu, o setor acampamento Mãe-Terra e o setor Lagoinha. Em conjunto, a população da Terra Indígena de Cachoeirinha atinge 6 mil pessoas, vivendo numa área de 2.644,680 ha. Cada setor constitui uma unidade social completa, independente. Cada setor tem o seu próprio cacique e seus dois conselheiros, eleitos por voto secreto, para um mandato de quatro

anos, com direito à reeleição. O cacique eleito é o líder maior do setor, cabendo a ele organizar a plantação de roça, para que seja garantida a subsistência indígena.

Em 1957, segundo Cardoso de Oliveira (1968), a população terena era de cerca 900 pessoas. Em 1960, havia mais de 400 Terenas morando na cidade, entre Campo Grande, Aquidauana e Dourados; hoje estima-se que sejam mais de 2 mil. Os primeiros migrantes urbanos justificavam terem deixado suas reservas explicando que não viam perspectivas de sobrevivência lá e que havia conflitos internos (diferenças religiosas e enfrentamento com os vizinhos). Cachoeirinha foi o Território Indígena (TI) que menos teve saída de Terenas para as cidades. Na década de sessenta, os Terenas caçavam, pescavam e coletavam suas ervas medicinais ou mel fora do TI, por necessidade (esses itens escasseavam no TI), e começariam a ser perseguidos e reprimidos pelos fazendeiros e por membros do Serviço de Proteção ao Índio.

A aldeia Cachoeirinha, onde mora o autor desta dissertação, teve por nome “Mbokoti”, devido a um riacho que correria nas proximidades de onde os indígenas se instalaram quando lá chegaram pela primeira vez. No passado, o território da aldeia Cachoeirinha era uma floresta de mata fechada, e tinha uma lagoa em que corria uma correnteza muito forte, próxima de lugar em que os moradores moravam. Os primeiros moradores começaram a chegar a esse lugar em 1912. Eram parentes vindo das fazendas vizinhas, em que eram mão-de-obra barata, estando praticamente escravizados, pois não conseguiram pagar as suas dívidas com os fazendeiros empregadores, que abusavam dos indígenas, aproveitando-se do fato de eles não saberem ler, escrever e fazer contas da matemática. Os primeiros moradores de Cachoeirinha fizeram as suas casas muito próximas umas das outras, ficando um pouco longe do riacho onde corria a correnteza. Esse riacho ficava na direção da aldeia Morrinho. A correnteza de água tinha um som muito alto, parecendo uma queda da água muito forte caindo de penhasco, daí o nome de

Cachoeirinha, que surgiu a partir de uma onomatopeia: *Mbôoo koeti* ‘a queda d’água’, deu em *Mbókoti*.

Chegamos aos Tempos Atuais. A população terena ocupa atualmente áreas muito menores do que as que tradicionalmente lhes pertenciam. Hoje vive de forma precária, sem a infraestrutura necessária. Os dados relativos à violência praticada contra os povos indígenas no Brasil compõem um vergonhoso cenário. Os Terenas lutam pelo reconhecimento de suas terras, para que possam viver segundo suas tradições.

O sistema da organização familiar dos Terenas já não segue mais a tradição. Antigamente, os casamentos eram realizados na forma tradicional típica: na rede, onde os noivos recebiam a bênção dos pajés, dos representantes religiosos, como um padre, e dos pais dos noivos. As danças tradicionais do povo terena ainda estão vivas e continuam sendo cultivadas e ensinadas desde as crianças até aos mais adultos da aldeia. As danças são parte das festividades tradicionais das aldeias e da recepção de visitantes, como forma de lhes dar as boas-vindas. O xamanismo ainda é muito forte até hoje, em meio à sociedade terena, em que se crê no poder sobrenatural dos pajés e se recorre a rituais de pajelança. Os saberes tradicionais continuam sendo praticados nas comunidades indígenas, mas concorrem com a medicina branca. Por exemplo, a prática das parteiras era tradição e praticamente não se usa mais, devido aos avanços da medicina e aos programas dos governantes em relação ao assistências à saúde indígenas. Porém, essas práticas deveriam voltar, pois são maneiras próprias dos indígenas de lidar com seu bem-estar e merecem ter seu valor reconhecido.

A língua terena é a língua materna da maioria na aldeia, porém necessita ser preservada e valorizada, para não ocorrerem perdas, tendo em vista que a influência do português é muito grande e que, em algumas aldeias da tribo terena, a língua já está em desuso. As novas gerações de Terenas que vivem nas cidades, como em Bauru (SP),

praticamente só falam o português. Daí ser muito importante descrever e analisar a língua terena, tanto para registrá-la quanto para permitir a criação de material didático para ensinar sobre ela, o que é muito importante para a sua preservação.

1.2. A educação indígena

A história da educação escolar indígena no Brasil acompanha a história dos povos indígenas e a de como o Governo brasileiro os trata. Ela pode ser dividida em quatro fases. A primeira vai até o fim do Brasil Colônia, quando a escolarização do índio era feita apenas por missionários religiosos, sobretudo por católicos, como os jesuítas. A criação do SPI (Serviço de Proteção ao Índio), em 1910, dá início à segunda fase. Depois de séculos de extermínio de populações indígenas, o Estado formula uma política indigenista menos violenta. A terceira fase começa nos anos 70, durante o Governo militar, com a criação de organizações não-governamentais (ONGs) da causa indígena. Nessa fase, a sociedade civil se mobiliza para elaborar uma Política Nacional de Educação Indígena respeitando a língua e a cultura dos povos indígenas. A quarta fase é a da transferência da responsabilidade pela educação indígena da Fundação Nacional do Índio para o Ministério da Educação. Antes, as escolas indígenas eram mantidas pela FUNAI ou por secretarias estaduais e municipais de educação, através de convênios firmados com órgãos indígenas oficiais. Depois, com a transferência de responsabilidade da FUNAI para o MEC, e deste para as Secretarias Estaduais de Educação, a educação dos povos indígenas fica sendo uma parte menor da educação oficial dos municípios e estados, e a escola indígena é pensada junto com as escolas oficiais dos brancos, sendo tratada no mesmo padrão. Isso dificulta que os indígenas sejam ouvidos, e dificulta que seja construído um modelo de educação intercultural e bilíngue nas comunidades indígenas.

Tratar a Escola Indígena como se fosse uma escola qualquer da cidade grande não é interessante porque o objetivo a ser alcançado pela Escola Indígena é diferente do da escola não-índia. A Escola Terena trabalha de acordo com a realidade do aluno, compreendendo e valorizando a sua cultura e os seus costumes, abrangendo o conhecimento global, para que ele possa estar preparado para entrar em uma universidade e no mercado de trabalho. A Escola é um importante lugar para o resgate da cultura, da língua e da crença, valorizando os professores índios, que têm mais facilidade em seus dialetos; e promovendo estudos específicos do próprio valor cultural, artesanal, além de estudos linguísticos, pois cada grupo tem identidades étnicas diferentes. A escola é um empreendimento coletivo. Deve haver a participação da comunidade na administração e nos trabalhos, ajudando a indicar as diretrizes e a identidade que queremos da escola, para que ela seja igualitária e consciente na valorização de seus saberes. A escola tem muita importância na vida e na organização social dos Terenas. Ela é depositária de uma expectativa coletiva para o futuro do grupo étnico como um todo. A escola simboliza a valorização da língua e da cultura dos Terenas. A educação para os professores indígenas é um instrumento político, além de ser um símbolo de posição mais alta na aldeia, pois a educação formal liberta do trabalho manual pesado. A escola tem um papel importante na vida e na cultura do povo terena, e a atuação como professor ajuda na formação de lideranças, na construção de redes de comunicação e na sociabilidade dentro da política local (TURBÍRIO; LANDA 2015).

O primeiro problema da escola é de ordem material. A construção do prédio onde hoje funciona a Escola Municipal Indígena Polo Cel. Nicolau Horta Barbosa pelo SPI teve início no ano de 1929 e terminou em 1930. O estabelecimento atendia somente dos alunos de educação infantil até as séries iniciais do ensino fundamental até 2002, quando começou a atender o ensino fundamental do 6º ao 9º ano; graças ao esforço das lideranças

e dos professores, que conseguiram trazer o funcionamento das séries finais do ensino fundamental para dentro da aldeia, mais um projeto conquistado pela comunidade. A escola tem nove (9) salas de aulas adaptadas, que não são adequadas para a qualidade da educação almejada pela comunidade indígena. Ela funciona no período matutino com os alunos dos séries finais do ensino fundamental, e no período vespertino com os alunos da educação infantil e das séries iniciais do ensino fundamental. A escola atende a 533 alunos no total, sendo 269 no período matutino (do 6º ao 9º ano) e 264 no período vespertino (da pré-escola ao 5º ano); enfim, oferece da pré-escola até ao 9º ano do ensino fundamental. O funcionamento da escola é em dois turnos, assim caracterizados: no período matutino, as aulas vão das 7h às 11h20min; e no período vespertino, das 13h às 17h20min.

O prédio da escola não é adequado, pois de início foi simplesmente repartido ao meio para comportar duas salas de aulas, uma sala de professores, que ao mesmo tempo funciona como biblioteca, e uma secretaria; a cantina para comportar suprimentos de materiais de consumo, como merenda e materiais escolares, funciona precariamente numa sala de direção; os banheiros estavam desativados, o prédio da escola estava sem banheiro. Uma ampliação recente, feita em 2008, acrescentou 4 salas de aulas e 2 banheiros femininos e 2 masculinos; o vestiário da quadra de esporte da comunidade foi aproveitado como uma sala de aula, para atender à demanda dos alunos indígenas matriculados. Mesmo assim, as condições de estrutura física ainda deixam muito a desejar, com mobiliário velho, má ventilação e má iluminação.

A situação das instalações da escola indígena estadual pode ser verificada na página: <http://qedu.org.br/escola/24293-escola-indigena-cachoeirinha/sobre>. Não há banheiros, computadores, internet, laboratórios nem biblioteca.

Do ponto de vista legal, a Escola Municipal Indígena Polo Cel. Nicolau Horta Barbosa está amparada pela Constituição promulgada em outubro de 1988, a qual

estabelece os direitos dos povos indígenas do Brasil. O artigo 22 da Constituição estabelece a proteção sobre as populações indígenas, no artigo 210, assegurando às comunidades indígenas o uso de suas línguas maternas e processos próprios de aprendizagens; o artigo 215 diz que cabe ao Estado proteger as manifestações culturais. Tanto o projeto de Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, quanto o Estatuto do Índio (Lei 6.001/73) incorporam estes preceitos constitucionais. O Decreto de nº 26, de 04/02/91, e as portarias de nº 60/92 e 49/93 instituíram no Ministério da Educação e do Desporto o Comitê de Educação Escolar Indígena.

A educação escolar indígena é uma pauta política relevante dos povos indígenas, do movimento indígena e dos apoiadores das questões relacionadas aos direitos diferenciados dos povos indígenas. A “Escola Indígena”, criada por decreto municipal em 2001, veio concretizar uma aspiração de cogestão pelos Terenas. A escola se instrumentaliza para a implantação de uma política que garanta o respeito à especificidade dos povos terenas e à sua diversidade interna linguística e cultural e à sua história.

Como testemunhou a mestre terena Maria de Lourdes Elias Sobrinho, a escola na década de 70 não era nada amigável para quem tinha como língua nativa o Terena, pois os professores ensinavam em português, utilizando o mesmo currículo e os mesmos materiais de escolas da cidade.

“Da primeira até a quarta série do Ensino Fundamental, cursei na Aldeia Cachoeirinha de 1968 a 1972, minha professora era *purutuye* (branca). Quando cheguei à sala de aula, meu primeiro impacto foi com a questão da língua, isto é, eu, falante da língua terena, e a professora, da língua portuguesa. Quando ela começou a explicar a matéria, parecia que eu estava em outro mundo, pois não entendia nada do que ela estava falando”.

Lourdes estudou na cartilha “O caminho suave”, onde lia coisas como “o boi baba”, sem entender nada. Temos aqui um relato dessa experiência:

“Em 1976, na cidade de Miranda, fui para uma escola pública cursar a 5ª série à noite. Numa das aulas, a professora pediu para eu ler um texto de história. Li. Depois ela me pediu para explicar aos colegas o que tinha lido. Sem dizer nada, comecei a chorar, pois não sabia o que o texto dizia, eu não falava a língua portuguesa”.

“Tinha vergonha de falar a língua terena no meio dos brancos, isto porque não queria que eles percebessem que eu era índia, pois quando percebiam me isolavam do grupo”, disse essa mestra pela Universidade Católica Dom Bosco (UCDB) de Campo Grande (MS). Sua dissertação fala se sua experiência como professora, após sua formatura no Curso Normal Superior Indígena. Ao lecionar na primeira série do ensino fundamental, na Aldeia Cachoeirinha, Lourdes constatou que a escola continuava fazendo com as crianças aquilo que havia feito com ela: as crianças não aprendiam a ler na própria língua materna, o Terena, mas em uma língua estrangeira, o português, e, por isso, eram muito altos o índice de repetência e de evasão escolar. Então, em 2007, Lourdes, como coordenadora pedagógica da escola, elaborou e implantou um projeto de alfabetização e produziu a cartilha “Ler e Escrever na Língua Terena”. Só então o português passou a ser ensinado como segunda língua. (Fonte: <https://mamopareju.wordpress.com/tag/aldeia-cachoeirinha>). Criar materiais para a escola indígena é um passo pedagógico e político de extrema importância, podendo contribuir para manter a cultura e a língua, como nos lembram Quaresma e Ferreira:

A confecção de materiais didáticos e paradidáticos pelos próprios professores indígenas se caracteriza como uma oportunidade para que esses alcancem os objetivos que desejam para a educação escolar indígena, tornando-a específica, diferenciada e de qualidade. Pois, enquanto autores de seus próprios manuais escolares, os índios podem elaborar seus materiais didático-pedagógicos levando em consideração características específicas de um dado povo indígena e da própria educação escolar indígena; também podem produzir livros didáticos mais contextualizados para a realidade de sua educação e para as necessidades do próprio professor na sala de aula e, ainda, livros isentos de preconceitos, generalizações ou

estereótipos comuns aos povos indígenas. (QUARESMA; FERREIRA, 2014, p. 10).

O autor desta dissertação é professor da língua terena desde 1993 – tendo trabalhado nas aldeias Cachoeirinha, Campão Babaçu, Lagoinha e Argola. Na Escola Felipe Antônio – homenagem ao primeiro morador da aldeia Argola – trabalhavam, em 2004, cinco professores indígenas da rede municipal, para ensinar do pré-escolar até a 4ª série. O material didático era lápis, caderno e borracha – e livros da década de 90. Trabalhávamos o conteúdo de forma intercultural. Os alunos faziam pesquisa sobre a cultura terena – medicina, pintura corporal, agricultura, solo, geografia da aldeia e educação artística. Oficialmente, o currículo é o mesmo adotado pela Secretaria de Educação do município de Miranda. No entanto, a aldeia tem a liberdade e a autonomia de poder colocar o seu conteúdo nas disciplinas de português, língua terena, educação artística (trabalhamos com artesanato) e educação física (jogos indígenas: natação, arco e flecha, lança e outros esportes que aprendemos com a sociedade não-indígena – vôlei, futebol, cabo de guerra).

A História Terena ensinada é oral: não temos material escrito para trabalhar com os alunos do pré-escolar à 4ª série. Os alunos de 5ª à 8ª séries do ensino fundamental sim, têm material. Eles fazem pesquisa com os pais, avós, com os antigos e, na sala de aula, comentam e constroem o texto. Depois, o sonho do índio é escrever um livro que seja adotado na escola.

Os professores indígenas têm uma associação, a APROTEM – Associação dos Professores Terenas de Miranda –, que é reconhecida e respeitada pela Prefeitura Municipal. No final de 2002, fizemos uma proposta para a Prefeitura Municipal, através da Secretaria Municipal de Educação, a de ter um coordenador pedagógico e um calendário adaptado à escola indígena. Por exemplo, durante o carnaval deveria ter aula,

porque não existe essa festa na aldeia. Ao contrário, é muito importante para a aldeia a Semana do Índio, que tem várias atividades, e a Prefeitura Municipal marca provas nesse período. Na época de colheita, os alunos indígenas não podem ter aulas, porque têm por obrigação ajudar os seus pais. Apesar de termos feito a proposta, até hoje não tivemos nenhum retorno.

A Escola Indígena tem que ser construída com a opinião da população indígena. Nós conhecemos nossos direitos, mas ainda precisamos desenvolver uma intelectualidade para poder competir com as nomeações de cargos de confiança da prefeitura. Através da educação, a liderança e a associação podem criar seu próprio projeto.

A comunidade terena está formando suas lideranças para administrar a própria comunidade; para ter documento e computador; para saber defender a sua própria área em reuniões, diálogo e conversas. Antigamente, os professores não tinham espaço na comunidade, eram vistos como cuidadores de crianças. Hoje, os professores são valorizados, ganharam a confiança da comunidade, são orientadores na própria família. A demarcação da terra é fundamental para toda a comunidade. Todos têm que ter o mesmo sentimento, o mesmo pensamento, e a elevação do nível da educação dos indígenas, com a conclusão de mestrado e doutorado por Terenas, vai formar defensores do bem comum. Atualmente, os Terenas que fazem parte da escola buscam atuar diretamente na gestão da escola local, interferindo também na política municipal em relação à educação. Para a comunidade indígena se fortalecer, tem de ter educação e terra.

A alfabetização hoje deveria ser feita em Terena, mas ainda é feita em português, tendo sido proibido por muito tempo que se usasse a língua terena em sala de aula. Hoje essa proibição não está mais valendo, mas, apesar de haver uma disciplina de ensino de língua terena, todas as outras aulas são dadas em português.

O objetivo é a construção de uma educação que valorize nossas práticas culturais e que dê acesso a definições e aplicação dos nossos próprios planos e programas educacionais. Nesse sentido, percebe-se que as secretarias de educação municipal e estadual, atualmente, ainda não contemplam essa meta em grande parte dos programas educacionais oficiais oferecidos aos índios. Principalmente na área da linguagem. A língua portuguesa predomina nas disciplinas ministradas tanto no ensino fundamental quanto no ensino médio. Para a língua materna, o Terena, é dedicado muito pouco tempo. Na escola municipal, constam na grade 6h semanais para a língua portuguesa, a cada série, das iniciais de 1º ano ao 5º ano até as finais, de 6º ano ao 9º ano; e para a língua terena constam apenas 2h/semana, a cada série. Na escola estadual, a carga semanal de língua portuguesa é de 3h, a cada série, enquanto que a carga de língua terena é de apenas 1h/semana, a cada série.

Portanto, as normas adotadas pelos sistemas de ensino contradizem os princípios da educação escolar indígena diferenciada. As Secretarias de Educação municipal e do estado não promovem uma educação verdadeiramente específica e intercultural. Isso apesar de a Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas (RCNEI-2005) ressaltar a importância da inclusão de línguas indígenas no currículo escolar, ressaltando que a educação tem a função de atribuir-lhe o status de língua plena e colocá-la, pelo menos no cenário escolar, em pé de igualdade com a língua portuguesa, um direito previsto pela Constituição Brasileira.

Quando se trata da proposta da produção de materiais didáticos específicos, as Secretarias de Educação do município e do estado se omitem. Não há iniciativa nenhuma, ou nega-se a legislação dos direitos educacionais específicos propostos (a CF 1988, no Artigo 210, assegura aos indígenas o uso da sua língua materna e processos próprios de aprendizagem; no Artigo 215, define a proteção do estado sobre manifestações culturais;

a LDB, de 1996, nos Artigos 78 e 79, trata especificamente da educação escolar indígena). Por mais que os professores indígenas criem e organizem as mais expressivas experiências de construção de materiais didáticos, não recebem apoio nenhum das Secretarias de Educação, nem como assistência nem em programas integrados de ensino e da pesquisa. Quando os professores trabalham com a questão da língua nas escolas, eles recorrem a materiais que são produções de ensaios, resultados dos trabalhos acadêmicos, ou de pós-graduação, como os seguintes trabalhos: *Yuhoíkoti Yoko Yutóxoti Vemó'uke* (“Ler e Escrever na Língua Terena”), cartilha que foi elaborado pela Professora Maria de Lourdes Elias, no ano de 2006, junto com os professores da Aldeia Cachoeirinha, enquanto pesquisadora e mestranda da UCDB. Existem outros materiais, como o elaborado por mim, professor Aronaldo Júlio: uma cartilha de Coletâneas de Contos na Língua Terena, que é resultado de um levantamento feito junto aos próprios alunos do ensino fundamental, e impressa com o apoio da UFMG, em 2011. Outro exemplo é a obra do professor Arcenio Dias: *Língua Terena para o Ensino Médio*. Está atualmente em andamento a elaboração de materiais didáticos em língua terena e de materiais didáticos bilíngues (Terena e português) pelos professores de todas as escolas indígenas do povo terena dos municípios de Miranda, Aquidauana, Dois Irmão do Buriti, Sidrolândia, Nioaque, Campo Grande, Dourados, com o apoio das universidades UFMS, UCDB, UFGD e UEMS, dentro do projeto de Saberes Indígenas. Essa ação contempla o trabalho dos professores indígenas das etnias terenas na produção de materiais didáticos próprios da realidade de cada escola, nas aldeias indígenas.

Como professor indígena e graduando, e pesquisador atuando, na época, no projeto de formação de professores indígenas da UFMS (PROLIND), o autor desta dissertação desenvolveu, em abril de 2002, um glossário em Terena, com verbetes em português, que constituiu o material lexicográfico chamada *Motovâti Véxea Ra Emo'u*

Têrenoe (“para aprender a língua terena”); depois, este autor teve a ideia de produzir um material didático bilíngue em Terena e em português, que servisse de material de apoio para os professores indígenas que atuam nas escolas das aldeias no município de Miranda. Esse material utilizaria os dados levantados para a lexicografia da língua terena, incluindo descrições da fauna e da flora da região de Miranda. Com apoio de alguns professores da UFMS, foi criada uma instituição para angariar recursos para o projeto, que foi denominada Instituto de Pesquisa da Diversidade Intercultural (IPEDI), e formada com os próprios recursos dos professores parceiros, como a professora Dr^a Claudete Cameschi, a professora Mestre Andreia Marques Rosa, a professora Mestre Cintia Nardo, a professora Paula Cameschi, e como eu mesmo, Aronaldo Júlio. Depois, nós nos inscrevemos em vários editais, um deles o da Fundação Banco do Brasil, mas não conseguimos ganhar, devido ao fato de a nossa organização (IPEDI) ser recém-criada. Então era uma organização nova, não tinha nem nome ainda. Depois apareceu um edital da Brazil Foundation, que é uma organização de visibilidade internacional, com sede nos Estados Unidos e unidades no Brasil e Austrália, de apoio a iniciativas da sociedade civil brasileira que atuem diretamente em suas comunidades, buscando soluções para os desafios que enfrentam por meio do desenvolvimento de suas potencialidades. E o nosso projeto, intitulado “Formação Continuada de Professores para o Trabalho com a Língua, a Arte e a Cultura Terena”, foi um dos 26 projetos selecionados pela Brazil Foundation, entre as mais de 500 propostas que receberam patrocínio. Os recursos foram destinados ao desenvolvimento das oficinas de capacitação e à construção de material didático de apoio bilíngue, buscando orientar e facilitar o ensino das disciplinas. Também contamos com a parceria do Laboratório de Estudos Interculturais Indígenas “Povos do Pantanal”, da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Assim, conseguimos financiamento para a produção de material didático próprio para a nossa escola indígena, e, com o

objetivo de orientar melhor os professores indígenas envolvidos na execução desse projeto, começamos a distribuição das tarefas na produção de materiais didáticos bilíngue entre os professores e os alunos de cada escola na comunidade. Foram envolvidos os professores das escolas indígenas das aldeias Argola, Babaçu, Morrinho, Lagoinha, Cachoeirinha e Mãe Terra, situadas na Terra Indígena de Cachoeirinha, a cerca de 15 km da cidade de Miranda-MS. Todos os professores começaram a desenvolver as atividades juntamente com os seus alunos na sala de aula, sempre sob a minha coordenação; eu, Aronaldo Júlio, atuei como coordenador desse projeto junto aos professores indígenas da aldeia Cachoeirinha. Todos ficaram satisfeitos com o resultado.

Foram realizadas várias oficinas no decorrer do desenvolvimento do projeto, propostas pela equipe de formação continuada de professores indígenas, na área da língua, da arte e da cultura terena, para a construção de materiais pedagógicos a serem utilizados na alfabetização em língua terena pelos professores da escola Polo Coronel Nicolau Horta Barbosa e suas extensões, como Alexandre Albuquerque, Luis Raimundo, José Balbino, Felipe Antonio e Mãe-Terra. O projeto foi executado, e seu resultado concreto voltou para as escolas da aldeia: foram impressos mil livros de alfabetização bilíngue na língua terena e em português, que foram distribuídos não só para a nossa região, na aldeia Cachoeirinha, mas também por todas as aldeias do município de Miranda. A própria Secretária de Educação do Município, quando percebeu que o material era muito bom, atualizado e moderno, tomou a iniciativa de distribuir os livros para todas as escolas indígenas do município. O fato de o projeto Formação Continuada de Professores para o Trabalho com a Língua e Cultura Terena ter sido finalista do Prêmio Tecnologia Social da Fundação Banco do Brasil, depois de ter sido executado o projeto financiado pela Brazil Foundation, permitiu também melhorar a estrutura da sede da nossa organização (IPEDI), com o Prêmio Banco de Tecnologias Sociais. Realizado a cada dois anos, o Prêmio tem como

objetivo certificar e difundir tecnologias sociais já aplicadas e ainda em atividade, em âmbito regional ou nacional, que se constituam em efetivas soluções para questões relativas à água, alimentação, educação, energia, geração de renda, habitação, meio ambiente e saúde. Após ter ido lançado o livro pela Secretaria de Educação, para as escolas indígenas, trinta dias depois, veio o comunicado de que havia mais 30 mil reais disponíveis para a nossa organização, e que tínhamos que pensar o mais breve possível em um novo projeto para utilizar esses recursos. Como nesse momento tínhamos o apoio da Secretaria da Educação do Município e da Prefeitura, pensamos em compartilhar essa proposta com eles, o que resultou no *Projeto Kalivono: kalihunoe ike vo'um*, uma proposta de produção de livros para a educação infantil, também pensada como material bilíngue em Terena e em português. Assim, surgiu um novo projeto para a produção de material didático bilíngue na educação infantil. Também a Secretaria de Educação buscou parceiros para a elaboração do material didático na educação infantil, resultando num livro com volume I e volume II, na educação infantil. Com o apoio da Natura, essa produção de livro na educação infantil também se tornou uma referência no nosso município. Ela foi coordenada pela professora terena de educação infantil Maísa Antonio, e também contou com a participação de todos os professores indígenas na área de educação infantil de todas as escolas indígenas do município de Miranda, que foram desenvolvendo atividades com seus próprios alunos nas escolas de cada comunidade indígena e trabalhando com seus etnoconhecimentos, valorizando a língua e a cultura Terena, para ampliar o uso da língua materna através de material didático bilíngue desde na educação infantil, com orientação e apoio pedagógico. O produto viria a ser um livro, distribuído entre os professores das escolas indígenas das aldeias do município de Miranda / MS.

Fotos documentando a cerimônia da entrega dos livros às escolas (fonte: acervo pessoal do autor desta dissertação)



É lamentável afirmar que dependemos de editais; as Secretarias de Educação municipal e estadual não disponibilizam recursos humanos nem financeiros para uma educação indígena apropriada aos anseios do povo terena. Não há nenhuma assistência a programas integrados de ensino e à pesquisa para a elaboração de materiais didáticos específicos das escolas que estão dentro das comunidades indígenas. Da parte desses órgãos públicos, não são atendidos os princípios da educação diferenciada. Também não são disponibilizados técnicos habilitados, conhecedores da educação intercultural, e nem mesmo há a preocupação de obter e produzir conhecimento sobre os povos indígenas.

Essa indiferença provoca, portanto, distorções no processo ou mesmo criam um impedindo ao desenvolvimento da proposta de educação intercultural e diferenciada.

Como professor, chamou minha atenção o fato de a segmentação das palavras na língua terena variar muito. Numa reunião de professores, foi instituída uma forma padrão, calcada no modelo do português, para eliminar a variação; os professores passaram a considerar como certa a segmentação decidida nessa assembleia. Mas nenhum estudo foi feito para saber por que motivo existia essa variação. Também não se pensou que a gramática da língua terena pudesse levar naturalmente a uma segmentação diferente daquela que se usa no português. Essas questões serão investigadas nesta dissertação.

1.3. Aspectos gramaticais da língua terena

As línguas Aruák, como todas as línguas pertencentes a outras famílias linguísticas (por exemplo: Tupi-Guarani, Jê, Tucano etc.), são um grupo de línguas que tem um ancestral comum, uma *língua-mãe*. Essa língua-mãe foi mudando com o tempo, e deu origem a todas as línguas que fazem parte da família. No caso das línguas Aruák, chamamos essa língua-mãe de *Proto-Aruák*, e o Terena é uma das suas línguas-filhas.

A família Aruák é a maior das Américas, tanto pelo número de línguas quanto pelo território muito grande no qual se falam ou se falavam línguas Aruák. Dentro da família Aruák, as línguas mais próximas do Terena são faladas em uma região que hoje corresponde ao território da Bolívia, e, entre essas línguas, o Mojeño parece ser o mais próximo do Terena.

No Quadro abaixo indicamos algumas palavras do Terena com os seus correspondentes no Mojeño, ilustrando essa similaridade. Palavras de uma outra língua

Aruák, o Axaninca, falado no Peru, foram incluídas também, para mostrar que o Terena e o Mojeño se parecem mais entre si do que com o Axaninca.

Quadro I. Comparação entre o Terena, o Mojeño e o Axaninca

	Terena	Mojeño	Axaninca
Pessoa	<i>xâne</i>	<i>achane</i>	<i>atiri</i>
Mulher	<i>sêno</i>	<i>esena</i>	<i>tsinane</i>
Cabeça	<i>-tûti</i>	<i>-chuti</i>	<i>-ito</i>
Sol	<i>káxe</i>	<i>sáche</i>	<i>poreatsiri</i>
Casa	<i>péti</i>	<i>peti</i>	<i>pankotsi</i>
Escutar	<i>-kâmo</i>	<i>-sama</i>	<i>-kem</i>

Vamos agora apresentar algumas características tipológicas do Terena, isto é, características gerais da gramática da língua, como sua morfologia e sua sintaxe.

Tipologicamente, as línguas naturais se dividem em três tipos: isolantes, aglutinantes e flexivas. As línguas isolantes, como o chinês e o vietnamita, não apresentam flexão. As informações gramaticais, que, em língua flexivas, são dadas pela flexão, em línguas isolantes são expressas por palavras invariáveis. Nas línguas aglutinantes, tais como o turco, o japonês e o húngaro, os afixos, comumente invariantes, se juntam a uma raiz, de modo que podemos identificar vários morfemas facilmente em uma palavra. A palavra se compõe de morfes, sendo que cada um representa um morfema, havendo conservação da identidade fonológica dos morfes. Trata-se, portanto, de uma não-correspondência entre morfemas e certos segmentos de palavra. Já nas línguas flexivas, como o latim e o grego, os morfemas são representados por afixos. É difícil identificar as diferentes partes dos afixos. Uma mesma forma tem diversos significados.

Na frase latina *Puellam bellam amo* ('Eu amo a bela garota'), a terminação *-am*, no nome e no adjetivo, marca feminino, singular e acusativo; e a terminação *-o* do verbo marca primeira pessoa do singular, sujeito e presente do indicativo. Isso é o que diferencia as línguas flexivas das aglutinantes. Nas aglutinantes, cada morfema tem seu valor naquela sequência; nas flexivas, uma só forma combina vários morfemas. A língua terena é classificada como uma língua aglutinante, por se observar que o verbo e o nome, quando aglutinados a morfemas, expressam significados diferentes daquele ligado à raiz verbal ou nominal, significados esses facilmente identificados, de acordo com a teoria sobre as línguas aglutinantes. Vemos um exemplo abaixo, em que o conteúdo de uma sentença de sete palavras em português é expresso em Terena por uma sentença de duas palavras:

(1) ningopinopeatimeamomaka (= 2 palavras)

ningo	-p	-ino	-pea	-ti	-mea	- mo	- maka
1SG.comer	verbo	BEN	REFL	Cont	talvez	Fut	também

“Talvez eu vá comer novamente para você”

A ordem canônica em Terena é VSO (Verbo seguido de Sujeito, seguido de Objeto). Como é típico das línguas aglutinantes, em Terena a função de S (sujeito, caso nominativo) em verbos transitivos é codificada por prefixos de 1ª, 2ª e 3ª pessoa do singular e do plural. Há sufixos de pessoa e número que codificam a função de complemento de transitivas – O (caso acusativo). A marcação da oposição entre a função de S (sujeito de transitivas) e a função de O (complemento de transitivas) por conjuntos de afixos pronominais é típica de línguas aglutinantes. Nas sentenças intransitivas, o argumento único é o S (sujeito).

Segundo Cardoso (2017), a língua terena apresenta o fenômeno de referência cruzada: verbos principais ou auxiliares recebem afixos que categorizam pessoa e/ou número de um determinado SN. Por exemplo, a marca pronominal de primeira pessoa do singular para Sujeito de intransitivos é marcada pela “inserção de um traço suprasegmental [+ nasal] no verbo” (cf. Nascimento 2012):

(2) Nonjoahiko
 nonjo -a -hiko
 1sg+nom-ver +ac -3-Pl
 ‘Eu os vejo’

Observe-se que *-hiko* no exemplo acima é o pronome em função de complemento. A terceira pessoa do plural pronominal é realizada por *_hiko* também em posição de sujeito de intransitiva (absolutivo):

(3) Ehakovohiko
 Ø- - ehakovo -hiko
 3+nom-r correr Pl
 ‘Eles correm/corriam’

A referência cruzada se caracteriza pelo fato de o mesmo conjunto de afixos pronominais codificar o SN em função de sujeito (S) tanto de sentenças absolutivas (intransitivas) quanto de sentenças transitivas, mas em distribuição complementar com as marcas dos SNs plenos. Quando os argumentos de sentenças transitivas são realizados por SNs plenos, a função de complemento é marcada por *vir* precedida da partícula *ne* ou *ra* (artigos). O SN em função de sujeito não recebe marca, ou recebe marca zero. O exemplo abaixo é de Silva 2013 (apud CARDOSO 2017):

(4) oyokoati Aronaldo ra Marlene
 gostar Aronaldo DET Marlene
 ‘O Aronaldo gosta da Marlene’

2. Fundamentos teóricos

O conjunto de pressupostos teóricos mais importantes para esta Dissertação se refere aos sistemas de escrita e à sua relação com a língua (seção 2.1). Para entender melhor essa relação, vamos discutir, na seção 2.2, as diferenças do conceito de *palavra* usado no senso comum e os conceitos de *palavra* da teoria linguística. Vamos ver que essa relação entre língua e escrita é muito complexa, e que essa complexidade tem relevância para os problemas e questões que encontramos na escrita da língua terena.

2.1. Língua e escrita.

Todo sistema de escrita contém uma análise linguística. Por exemplo, em um sistema que represente os fonemas da língua, um sistema *fonêmico* ou *fonológico*, a existência dos grafemas *p* e *b* indica a existência de um contraste entre duas consoantes bilabiais. Isso não quer dizer, como diz Coulmas (2003: 151), que um sistema de escrita só está pronto e sendo usado pela comunidade após a análise da língua ter sido completada. Na maioria das vezes o desenvolvimento do sistema de escrita ocorre junto com o aprofundamento do conhecimento sobre a língua.

Como o conhecimento da língua e o sistema da língua se desenvolvem lado a lado, pode ocorrer que muitas vezes que haja um pouco de confusão e de falta de coerência na forma em que a escrita representa a língua. Pode acontecer, por exemplo, que os linguistas e os falantes da língua estejam representando unidades linguísticas diferentes na escrita, mesmo quando escrevem o mesmo enunciado, e esses critérios podem estar em conflito, levando à separação de palavras incoerentes. Para tratar desse problema, que é um dos tópicos dessa dissertação, vamos utilizar a proposta terminológica de Coulmas (2003, baseado em Faber 1992) que diferencia os seguintes conceitos:

(7) *Conceitos úteis para a análise de um sistema de escrita*

(i) *Unidade de análise*: Uma unidade tal qual existe na língua (por exemplo: traços, fonemas, morfemas etc.).

(ii) *Unidade de interpretação*: Uma unidade tal qual existe no sistema de escrita (por exemplo, grafemas distintos, usos de convenções como as maiúsculas, espaços de separação etc.).

Uma análise linguística muito comum nos sistemas de escrita é a identificação de *palavras* pelo uso de espaços. No uso que atualmente observamos da escrita entre os falantes da língua terena existem, por exemplo, ao menos duas formas de se escrever a frase ‘Esse menino está bravo’:

(8) *Duas segmentações possíveis na escrita da língua terena.*

- | | | | |
|-----|---------------------|-----------|------------------------|
| (a) | <i>imaikovotira</i> | | <i>hóyeno kalivôno</i> |
| | está.bravo.esse | | homem criança |
| (b) | <i>imaikovoti</i> | ra | <i>hóyeno kalivôno</i> |
| | está.bravo | esse | homem criança |

A sentença (8), que está na estrutura V SN, significa “esse menino está bravo”. As sentenças em Terena são em geral com o verbo em posição inicial, e nesse caso o verbo é *imaikovoti* “ele/ela está bravo”. O significado “menino” é expresso em Terena pela palavra *kalivôno* “criança” e pelo nome *hóyeno* “homem”, que indica que a criança é do sexo masculino.

As duas formas de escrever a mesma frase são diferentes, como pode ser visto pela forma da separação do Demonstrativo *ra* “esse”. Em (8b) *ra* “esse” é uma palavra gráfica independente, separado por espaços antes e depois dela, mas em (8a) *ra* é escrito sem separação da primeira palavra da frase, o verbo *imaikovoti* “ele/ela está bravo”, como se os dois fossem uma só palavra. Nos dois tipos de escrita, o que está diferente é a relação entre a unidade de análise e a unidade de interpretação (a palavra gráfica). A nossa

questão, a que queremos investigar, é a de se o estudo da língua terena pode explicar por que motivo existem essas duas maneiras de escrever, e se esse conhecimento pode ser de utilidade para a educação indígena e para outras questões que envolvem o uso da língua e da escrita pela comunidade.

2.2. “Palavras” e morfemas.

Nessa seção vamos discutir alguns conceitos que formam a base teórica da Dissertação, e que identificam algumas unidades de análise para a descrição das línguas.

Aceitamos aqui a existência dos *morfemas*, em sua definição tradicional de ‘unidade formal mínima dotada de significado’ (Rosa 2015: 49-50). Partindo da concepção do morfema como unidade mínima de significado, uma outra suposição que fazemos é a de um nível intermediário entre o morfema e a sentença, ou frase, e que esse nível é o da palavra. Assim, palavras da língua terena, como *vovóku* “nossa casa” ou *jorekoti* “você está bebendo”, podem ser analisadas em termos de morfemas:

(9) *Exemplos de morfemas na língua terena:*

(a) *v* *-ovo* *-ku*
 1Pl *-morar* *-nominalizador*
 “nossa casa”

(b) *j* *-ore* *-ko* *-ti*
 2 *-beber* *-verbo* *-Cont*
 “você está bebendo”

O morfema é, então, uma das *unidades de análise* que vamos adotar aqui. A outra unidade é a ‘palavra’, mas aqui existem complicações. Vamos examinar agora em detalhe essa noção.

Os seguintes conceitos de ‘palavra’ serão utilizados como *unidades de análise*, isto é, como sendo próprias à língua: a *palavra fonológica* é um domínio prosódico, que pode incorporar em si mais de um morfema, mas que é considerada como uma unidade do ponto de vista da fonologia, por exemplo, pela operação das regras de acentuação (ver Rosa 2015: 77-80). Como descrito na seção 3, adiante, vamos utilizar a acentuação para identificar as palavras fonológicas no Terena.

Chamaremos de *palavra gramatical* uma unidade formada de um ou mais morfemas, mas que funciona como uma unidade na construção de frases e sentenças da língua. Podemos saber que dois ou mais morfemas fazem parte de uma única palavra gramatical — ao invés de duas palavras distintas — quando esses: (i) sempre ocorrerem juntos, ao invés de separados por outras palavras, e (ii) ocorrem juntos em uma ordem fixa e convencional (Rosa 2015: 80-82).

Tanto o *morfema*, quanto a *palavra fonológica* e a *palavra gramatical* são unidades de análise, isto é, entendemos que a língua terena possui, como parte da sua estrutura gramatical própria, esses três tipos de elementos. O sistema utilizado na escrita da língua terena reconhece ainda, pelo uso de espaços, uma unidade que podemos chamar de *palavra gráfica* (ver Rosa 2015: 74-77). De acordo com a terminologia que introduzimos na seção anterior, a *palavra gráfica* ou *palavra ortográfica* é uma *unidade de interpretação*, quando olhamos para a forma como a escrita representa a língua. Podemos imaginar então que os dois tipos de elementos são de alguma forma relacionados pelo sistema de escrita:

Unidades de Análise

- Morfema
- Palavra Gramatical
- Palavra Fonológica

Unidade de Interpretação

- Palavra Ortográfica

Como dito na seção anterior, os sistemas de escrita têm uma história complexa de desenvolvimento, em parte porque obedecem não só a necessidade de representar a língua, mas também, em parte, por serem moldados por decisões conscientes dos falantes ou de outras instituições, decisões essas que levam em consideração inúmeros fatores, como a tradição, diferenças políticas e até mesmo estéticas. Pensando apenas nas questões linguísticas, podemos ver que qualquer uma das unidades de análise discutidas aqui pode ser representada na escrita e que quando essa relação é complexa isso pode levar a dificuldades na padronização da escrita e à variação no seu uso.

3. A escrita da língua terena

Nessa dissertação, vamos utilizar muitas vezes o sistema de escrita da língua terena. Mais importante ainda, o nosso foco está na relação entre a língua e a escrita. Devemos então apresentar esse sistema de escrita, que será discutido com um pouco mais de detalhe na seção 3.3. O sistema ortográfico próprio utilizado pelos Terenas para representar a sua língua, pode ser explicado como no quadro abaixo, em que o som (ou *valor fonético*) de cada símbolo (ou *grafema*) é apresentado em comparação com um som do português.

Quadro 2. As letras e sons da língua terena.

Letra do alfabeto terena	Explicação
<i>a</i>	Como o <i>a</i> do português na primeira sílaba de <i>casa</i> .
<i>e</i>	Em geral tem o som do <i>é</i> do português, como na palavra <i>pé</i> .
<i>i</i>	Como o <i>i</i> do português <i>vi</i> .
<i>o</i>	Em geral tem o som do <i>ó</i> do português, como em <i>óculos</i> .
<i>u</i>	Como o <i>u</i> do português em <i>cuspe</i>
<i>p</i>	Como o <i>p</i> do português em <i>pato</i>
<i>t</i>	Como o <i>t</i> do português <i>tapa</i>
<i>k</i>	Como <i>qu</i> do português em <i>quem</i> ou o <i>c</i> em <i>casa</i>
'	A chamada 'oclusiva glotal' é o som que fazemos, por exemplo, na expressão de receio ' <i>oh-oh</i> '
<i>v</i>	Tem uma pronúncia muito próxima ao <i>v</i> do português em <i>vaca</i> . Em alguns casos também tem uma pronúncia similar ao <i>u</i> da interjeição <i>uai!</i> .
<i>s</i>	Como o <i>s</i> do português em <i>sapo</i>
<i>x</i>	Como o <i>x</i> do português em <i>xícara</i>
<i>h</i>	Como o <i>r</i> do português em <i>rato</i>
<i>m</i>	Como o <i>m</i> do português em <i>mato</i>
<i>n</i>	Como o <i>n</i> do português em <i>nariz</i>
<i>mb</i>	Pronunciado com uma sequência de <i>m</i> e <i>b</i> , o primeiro sendo muito breve
<i>nd</i>	Pronunciado como uma sequência de <i>n</i> e <i>d</i> , o primeiro sendo muito breve
<i>ng</i>	Pronunciado como uma sequência de <i>n</i> e <i>g</i> , o primeiro sendo muito breve
<i>nz</i>	Pronunciado como uma sequência de <i>n</i> e <i>z</i> , o primeiro sendo muito breve e o segundo tendo o som do <i>z</i> do português.
<i>nj</i>	Pronunciado como uma sequência de <i>n</i> e <i>j</i> , o primeiro sendo muito breve e o segundo tendo o som do <i>j</i> do português.
<i>r</i>	Como o <i>r</i> do português em <i>cara</i>
<i>l</i>	Às vezes pronuncia-se como o <i>lh</i> do português, como em <i>lhama</i> , ou como o <i>l</i> em <i>lobo</i> .

Os únicos elementos do quadro 2 que precisam de mais explicações são os dígrafos *mb*, *nd*, *ng*, *nz* e *nj*, que representam um conjunto de consoantes que chamamos de pré-nasalizadas. Esses dígrafos costumam ocorrer em verbos marcados para um Sujeito de primeira pessoa (compare: *sîmo* ‘ele/ela chegou’, mas: *nzîmo* ‘eu cheguei’), ou em substantivos marcados para um possuidor de primeira pessoa (compare: *piríttau* ‘faca’, *mbiritáuna* ‘minha faca’).

As palavras terenas são escritas também com dois *diacríticos*, isto é, marcas ou símbolos adicionais que codificam outras características da pronúncia além das consoantes e vogais. Um acento agudo, como na palavra *káxe* ‘sol’, ‘dia’, indica que a sílaba marcada é pronunciada com mais força, como a primeira sílaba da palavra *casa*, do português. Um acento circunflexo, como na palavra *pâho* ‘boca dele/dela’, indica que a vogal é pronunciada não só com mais força, mas também com maior duração, além de ser pronunciada com uma melodia específica.

Um dos traços mais interessantes da estrutura gramatical do Terena, e que se aplica também às outras línguas da família Aruák, é a grande complexidade morfológica dos verbos da língua. Isso quer dizer que algumas ideias ou mensagens que só podem expressas por mais de uma frase em algumas línguas, como no português, podem ser expressas em uma só palavra na língua terena. Alguns significados como o do advérbio ‘também’ ou da preposição ‘para’, que são palavras independentes no português, podem ser indicados por sufixos no Terena. Um exemplo é a palavra que apresentamos abaixo em (10). Uma palavra tão grande assim não é tão comum de se ver em enunciados reais da língua, mas ela é gramatical, isto é, aceita e compreendida pelos falantes:

(10) *Exemplo de complexidade da palavra na língua terena**ngipopu'ikinovopitimeamomaka*

“talvez eu vá lavar a minha cabeça para você também”

Essa palavra, como nós vemos, é traduzida por uma frase inteira no português. Ela é composta de morfemas ou unidades de significado, podendo ser dividida nos seguintes ‘pedaços’:

(11) *Análise em morfemas da palavra dada em (10)*

<i>ngipo</i>	<i>-pu'i'</i>	<i>-k'</i>	<i>-ino</i>	<i>-vo</i>	<i>-pi</i>	<i>-ti</i>	<i>-mea</i>	<i>-mo</i>	<i>-maka</i>
1SG.lavar	redondo	verbo	BEN	REFL	2SG.Obj	CONT	talvez	FUT	também

Explicando o significado ou a função de cada um desses elementos formadores da palavra, podemos mostrar mais sobre a estrutura da língua:

-kipo- ‘lavar’: O verbo aparece na primeira pessoa do singular que, como vimos, é formada pela pré-nasalização da primeira consoante: *-ngipo* ‘eu lavo’.

-pu'i- ‘cabeça’: Um dos mecanismos que permite à língua terena formar palavras complexas é a possibilidade de colocar um substantivo, por exemplo, ‘cabeça’, que, no nosso exemplo, tem a função de Objeto do verbo ‘lavar’, dentro do verbo. Isso se chama incorporação nominal. Um Terena pode dizer, também, *ngiponóneovoti* ‘eu lavo o meu próprio rosto’, agora com o substantivo *-nône* ‘rosto’ estando incorporado.

-k- ‘consoante temática’: Esse elemento, tal como as vogais *a*, *e* e *i* dos verbos *pisar*, *comer* e *partir*, do português, é um elemento formador de verbos, mas não faz nenhuma contribuição de significado; é apenas uma ‘peça’ da estrutura morfológica do verbo.

-ino- ‘Benefactivo’ (BEN): Esse morfema indica a adição de um beneficiário da ação descrita pelo verbo; no caso do nosso exemplo, o beneficiário é ‘você’.

-vo- ‘Reflexivo’ (REFL): O sufixo *-vo* indica que ação do verbo é efetuada pelo Sujeito sobre ele mesmo.

-pi- ‘segunda pessoa não-Sujeito’: Esse sufixo indica a presença de uma segunda pessoa (‘*você*’) como participante na atividade descrita pelo verbo. Essa não pode ser, no entanto, um Sujeito, podendo ser apenas um Objeto, como em *nóijopi* ‘eu te vejo’, ou um Objeto Indireto, como na palavra que estamos analisando.

-ti- ‘ação progressiva’: O sufixo *-ti*, quando adicionado a verbos que descrevem ações, como *-kipo-* ‘lavar’, indica que ação está se desenvolvendo, isto é, que não tem um término estabelecido.

-mea- ‘talvez, penso que’: Indica incerteza por parte do falante quanto à realização da ação descrita pelo verbo, ou um pedido de confirmação de uma informação para o evento: *kásaxomea* ‘ele está com frio, não?’.

-mo- ‘Futuro’ (FUT): Indica Tempo Futuro, isto é, que a ação do verbo ainda irá se realizar.

-maka ‘também’: Tem significado similar ao de ‘também’ no português.

Embora, como visto no exemplo acima, uma ideia que é expressa no português por meio de uma ou mais orações possa ser comunicada por apenas um verbo na língua terena, os substantivos dessa língua são, em geral, palavras bem mais simples — isto é, são compostos de menos morfemas.

Em português, podemos indicar o plural dos substantivos por meio de um sufixo, *-s*, como na palavra *gatos*. O Terena usa igualmente um sufixo, *-hiko*, mas o seu emprego é completamente opcional, ocorrendo apenas quando a existência de ‘muitos’ não é clara pelo contexto, ou quando o falante deseja chamar a atenção do ouvinte para esse aspecto (o sufixo *-hiko* será tratado em detalhes nesta Dissertação; ver capítulo **4.2.3**). Assim, se

estamos esperando os convidados da nossa festa e alguém pergunta se eles já chegaram, costuma-se responder apenas *seópone* ‘já chegou’, sem a necessidade de usar qualquer indicação de plural.

Expressões como *o homem gordo* e *a mulher gorda* indicam que, em português, os substantivos pertencem ao gênero masculino ou ao gênero feminino, e que os adjetivos concordam com o substantivo quanto ao gênero. A língua terena, como muitas outras em todo o mundo, não possui o gênero como categoria gramatical. Assim, a palavra terena *pu’iti* ‘gordo/gorda’, não muda de forma: *pu’iti hóyeno* ‘um homem gordo’, *pu’iti sêno* ‘uma mulher gorda’. Isso não quer dizer, é claro, que um Terena não consiga expressar as ideias de ‘macho’ e ‘fêmea’, mas que ele o faz usando as palavras para ‘homem’ e para ‘mulher’, respectivamente: *hóyeno tapî’i* ‘galo’ (literalmente ‘galinha homem’) e *sêno tapî’i* ‘galinha’ (literalmente ‘galinha mulher’).

Se perguntado, um falante de português provavelmente concordaria que um substantivo como *pai* contém em si a ideia de uma relação: um *pai* é, afinal, sempre o pai de alguém. O mesmo se aplica para substantivos como *mão*: usualmente uma mão é sempre a mão de alguém, estando presa à um corpo qualquer. Esses substantivos diferem, por exemplo, de *montanha*, *estrela* ou *vento*, que parecem se referir a objetos que podem ‘existir por si só’. Na gramática do português, no entanto, essa diferença parece ser irrelevante: podemos falar do *pai de João*, ou da *minha mão*, assim como da *montanha de João*, ou da *minha estrela*, usando as mesmas estruturas gramaticais. Na gramática da língua terena — como na de muitas outras línguas indígenas — esses substantivos se comportam de forma diferente. Aqueles que se referem aos termos de parentesco (como *pai*) ou partes do corpo (como *mão*) ocorrem normalmente com a indicação da pessoa do possuidor: *pâho* ‘boca dele/dela’, *mbâho* ‘minha boca’. Caso um Terena queira se referir apenas à ‘boca’, sem dizer quem é o possuidor, precisa usar um sufixo: *pahôti* ‘boca’. Já

os substantivos que como *sol* ou *montanha* são independentes, ocorrem naturalmente sem nenhum possuidor, como *hékere* ‘estrela’. Havendo a necessidade de indicar que esse substantivo é possuído por alguém ou por algo, a língua terena utiliza um sufixo *-na*: *hékerena ûti* ‘a nossa estrela’ (*ûti* significa ‘nós, nosso’).

Após essas considerações gerais sobre a estrutura da língua terena, vamos discutir agora alguns dos problemas que identificamos no uso que a comunidade faz da escrita. Muitos desses problemas surgem também durante a prática dos professores e mesmo durante os encontros e reuniões entre professores e organizadores da educação nas comunidades terenas.

3.3. Problemas de Segmentação na Escrita Terena.

Com base nas gramáticas de Nancy Evelyn Butler e Elizabeth (Bete) Muriel Ekdahl (1979), vamos iniciar essa seção com a história do modelo de escrita adotado para descrever a língua terena, sua organização e as variantes encontradas na escrita. Para tal, foram analisadas as ditas gramáticas, os dados foram de lá retirados e a conferência foi realizada com falantes da língua.

Por meio da análise, notamos a preocupação de Nancy Evelyn Butler e Elizabeth (Bete) Muriel Ekdahl (1979 e 1994), e também da FUNAI, em manter a gramática o mais próximo possível do português. Ficou estabelecido, para o alfabeto terena, somente uma letra para cada fonema; neste processo de descrição os falantes foram consultados sobre sua preferência.

A FUNAI estabelece regras para a descrição de línguas indígenas. Como dito acima, a portaria de Nº 75/N, de 06/07/1972, tem os pontos terceiro e quarto como principais. No terceiro ponto, lê-se: “A grafia das línguas indígenas, para textos de consumo dos grupos tribais, deve ser a mais aproximada possível da grafia do português”;

no quarto ponto, lê-se: “Deve-se adotar como norma geral, na grafia das línguas indígenas, o princípio lógico de representação de um fonema por único símbolo”. Os pontos entram em choque em alguns momentos. Abaixo apresentamos alguns exemplos.

No caso de Qu/C ou K, seguindo o quarto ponto, deveria ser utilizada a letra K. Nas primeiras cartilhas, assim foi feito, e funcionou. Na produção de um alfabeto prático, notou-se que o som representado pelo K era a consoante mais frequente. Em 1976 foi feita uma alteração nas cartilhas para Qu/C, e assim permaneceu. Em meados de 1987 e 1988 chegaram reclamações de alguns indígenas que solicitavam a alteração para K novamente. Assim, numa reunião, feita por volta de 1989 com os líderes das aldeias, ao final ficou decidido o uso de K para a descrição. Como em “*câque – kâke; ítuqueque – ítukeke; coêcuti – koêkuti*”, a forma que prevaleceu foi a forma escrita com K (Ekdahl & Butler 1979: 2).

O som de R e RR em português são diferentes. A utilização em Terena do R e RR, para a descrição, estaria de acordo com o terceiro ponto, porém não estaria de acordo com o quarto. Desta forma, é necessário usar R e H para a descrição dos sons. Em Terena, ambos os sons são utilizados em início das palavras e entre vogais. Ficou definido H para o som de aspiração “*há’a, ahá’axo, arâha*”, som equivalente a “*rato, arranhão*” (em algumas variedades do português). R ficou para os sons como “*morango, moradia*”, sendo assim, “*râ’a, aríxukoa, áhara*”. (Ekdahl & Butler 1979: 2). O som de S somente seria escrito com S em Terena, para que ficasse semelhante ao português. Desta forma, ficou “*sêno, sîmo, su’ûso, isôti*”. A consoante X segue da mesma forma: o X em Terena se manterá somente com o som de “*xampu*”. Na língua terena ficou “*xi’íxa, xúpu, poréxo*”. Não há exceções ou variação no fonema, como os sons de “*excepcional, exausto*” (Ekdahl & Butler 1979: 3).

Na língua terena, G e J têm sons únicos; desta forma ficou “*ngahá’a, ngêno, ngîri, ngîri, ongónokoa, ngúxo*”. Diferentemente do português, o Terena não necessitará do U entre G e as vogais I e E. A letra J terá o som de “já e ji” como em “*granja, jiboia*”: ficará “*ânja, nje’éxa, njíxo, onjoâtie ônju*”. A pronúncia se manterá sem alterações. (Ekdahl & Butler 1979: 3).

Outro caso notado foi a escolha de se grafar as letras M e N antes das consoantes B, D, G, J e Z. A combinação destas indica pré-nasalização. Estas poderiam ou não serem escritas, pois já são por natureza nasalizadas. Em alguns casos, os Terenas colocavam as duas letras no meio de palavras para marcar pré-nasalização, mas não colocavam no início. A forma escolhida para padronização foi colocar M e N antes destas consoantes, pois os Terenas diziam que assim deveria ser: se a fala era diferente do português, a escrita também deveria ser. Desta forma, ficou “*ombósiko, ndâki, ngónokoa, nje’éxaeônze*” (Ekdahl & Butler 1979: 3).

As vogais em Terena são faladas da mesma forma em que são escritas, ou seja, não há variação como em português, em que cada letra representa somente um fonema. Em “*pihóti*”, a pronúncia será com I, em português algumas vogais sofrem alterações, como “*pote*”. Então, “*ihaku*” será sempre lido com U no final, “*ainovo*” será lido com “O” e “*vo’ókuke*”, da mesma forma, será lido com E (Ekdahl & Butler 1979: 4). A acentuação possui função gramatical muito importante na língua terena, não tem relação com vogal aberta ou fechada. O acento agudo (´) tem a função de destacar sílaba tônica e mostrar que a próxima consoante é alongada e tom nivelado, ficando assim “*úte, tóhe, íti*”. O acento circunflexo (^), assim como o agudo, destaca sílaba tônica, porém a vogal será prolongada, mas a pronúncia é em tom descendente, então “*pího (piího), tâki (taaki)*” (Ekdahl & Butler 1979: 4).

A escolha por padronizar a posição da acentuação, nesse caso, partiu dos falantes, ficando “*tiú`iti, eúko, koáti, koêkuti*”. Há exceções para essa regra. Quando as duas vogais estão no final da palavra, a acentuação ficará na primeira vogal, como “*nâum, hixôe*”. Quando for um vocativo, a acentuação se dará no final da palavra, assim como em “*kalivonó*”. O uso de hífen em Terena se dá em palavras portuguesas em frases terenas como “*Miranda-ke yéno?*”. A acentuação é essencial, pois existem palavras em Terena como “*íti*”, que significa “*sangue*”, e “*íti*”, que significa “*você*”, em que a acentuação define o significado. (Ekdahl & Butler 1979: 7).

O trabalho de organização da língua é um trabalho difícil. Além de fatores práticos de descrição, há também fatores como o estético e o cultural. Tendo em vista que a quantidade de falantes tem diminuído com o passar dos anos, registrar a língua e buscar formas de revitalização é uma tarefa em caráter de urgência. A organização da gramática pelas autoras foi uma das formas de valorização da língua, norteando o falante e introduzindo para o não-falante o funcionamento da língua.

Como já dissemos, nessa dissertação vamos dar um foco especial em certos morfemas da língua terena: os Determinantes *ne* e *ra*, e o marcador de Plural *-hiko*. Quando trabalhamos ou discutimos esses morfemas em sala de aula com os alunos, percebemos que há muita variação e arbitrariedade na sua segmentação e representação na escrita. Em nossa experiência na sala de aula, observamos que existem problemas especiais com *-hiko*. Os alunos na maioria das vezes não sabem se *-hiko* deve ocorrer junto ou separado com a palavra que o precede, um fenômeno que atestamos também na escrita dos professores. Em uma das reuniões realizadas na aldeia Passarinho, no município de Miranda, reunião esta de professores indígenas terenas, em que se discutiu a produção de material didático para a língua terena, os professores fizeram um grande questionamento sobre o emprego de pluralizador *-hiko*. Não se sabia se ele deveria

ocorrer junto com as palavras nas quais se emprega ou se ele deveria estar separado, e isso gerou muitas discussões entre todos os professores presentes àquela reunião. Os professores chegaram à conclusão de que o plurizador *-hiko* tem que estar junto com a palavra na qual se emprega. Isso foi decidido pela maioria dos professores somente porque eles aprenderam assim, e não por uma argumentação linguística. Abaixo apresentamos dois exemplos de textos produzidos por alunos em que se observa a segmentação de *-hiko*:

(12) *Exemplos de textos reais em que há segmentação de -hiko*

(a) “*Enepora kuveu meûm simokune uti kóene yara **kâxe hiko** enone noixone uti ipokeovo ya kuteati ya inamati koitukepeti. Kóene epora kixovokuti inamati koitukepeti motova yuhoixea uti yoko motova maka vexokea ya **kalivono hiko** yoko ainovo **homoheu hiko** ya itukeovo unati ra koitukepeti*”.

“O tempo que estamos vivendo hoje, nesses dias, estamos vendo mudanças, como novos instrumentos de trabalho. Hoje, com essa coisa nova de instrumentos de trabalhos, podemos mexer, e podemos também mostrar às crianças e aos jovens que esse instrumento é muito bom”.

(b) “*Ápe éxetina onjúikene tuku koeti ko’oyene ngaunakoa heu koeti yuhóinonu yane enepo noixoane úti ne mêum ínati harâramo **puyákopova úti ne** éxetina viyéno mêku, yane vitukópinoatine xêti **ne kalívonona hiko úti** motovâti ivávakopea **heu koeti ne** kûreinovi*”.

“Havia uma história contada pelo meu avô. Até hoje eu guardo tudo o que ele dizia. Quando vemos o céu todo com a cor amarelada, lembramos aquela história de antigamente que os parentes contavam, aí depois recontamos essa história para as nossas crianças, para que possam também lembrar aquilo que foi deixado para nós”.

No capítulo seguinte, vamos introduzir as bases metodológicas e os resultados do trabalho de investigação de algumas propriedades desses morfemas. Na seção **4.2.3** analisaremos em detalhe o marcador de número *-hiko*, tanto em suas propriedades fonológicas quanto semânticas. Pensamos que alguns dos resultados são importantes para entender o funcionamento desses morfemas, como unidades de análise da língua. Esse conhecimento pode ser, por sua vez, importante para informar as decisões dos professores e da comunidade sobre a escrita da língua terena.

4. Domínios prosódicos na morfologia do Terena: metodologia e resultados da investigação

4.1. Métodos e natureza dos dados.

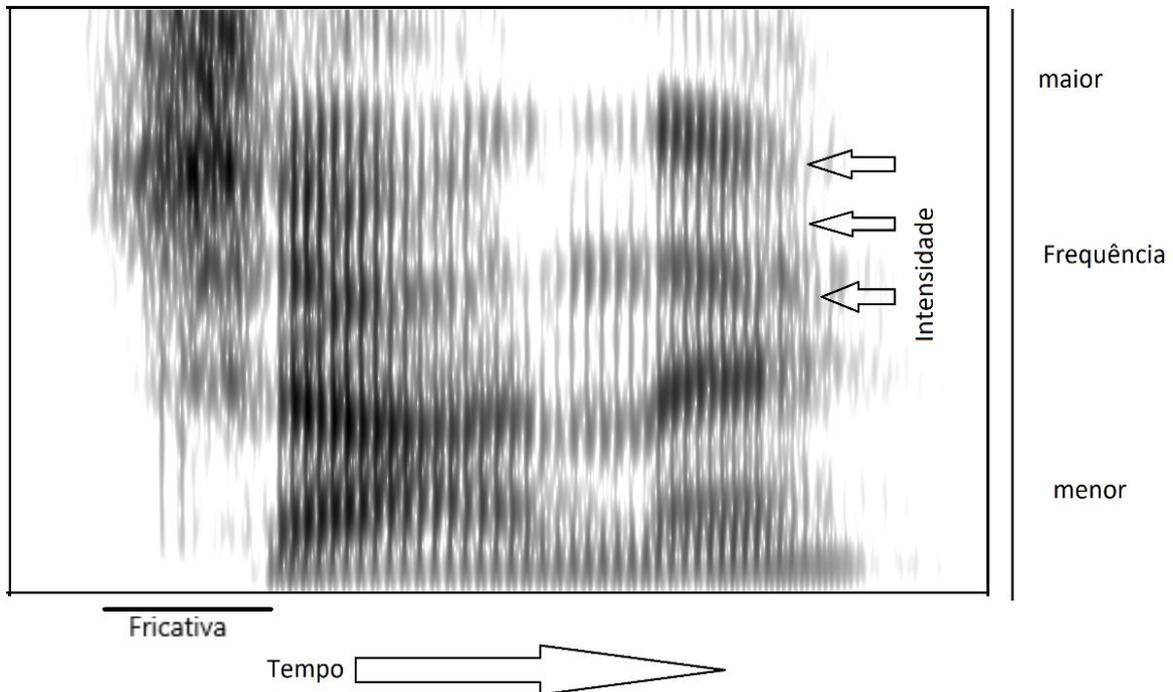
Os dados utilizados nesta parte da Dissertação são de dois tipos: (1) dados elicitados e julgamentos de gramaticalidade; (2) dados de fala espontânea, como narrativas. Os dados do primeiro tipo surgem quando pedimos para que o falante produza um enunciado que contenha uma construção ou um morfema no qual estamos interessados. O objetivo é testar alguma hipótese sobre esses fenômenos, e ver se, na produção do falante, a hipótese, e/ou a nossa expectativa sobre esse fenômeno, se confirmam ou não. Os dados do segundo tipo são mais “naturais”, porque o falante produz as formas que parecem mais convenientes para ele, sem nenhuma instrução por parte do linguista ou pesquisador. No caso do nosso trabalho, esses dados são importantes por apresentarem fenômenos de fala conectada e de mudanças prosódicas, mais comuns, ou mais salientes, na fala espontânea.

Nós utilizamos, para estudar as propriedades fonéticas do Terena, alguns métodos e instrumentos da Fonética Acústica. Para apresentar evidências sobre as propriedades que de fato ocorrem na fonética do Terena, vamos utilizar dois tipos de representações da fala: os **espectrogramas** e as **representações de onda**.

O espectrograma apresenta uma representação do sinal de fala a partir da qual torna-se possível fazer uma série de inferências a respeito dos eventos articulatórios que produziram aquela fala (ver Barbosa & Madureira 2015: 140-146). Em um espectrograma, as frequências ocupadas pelo som são representadas pelo eixo vertical, o tempo pelo eixo horizontal e a intensidade do som é indicada pelo escurecimento

(chamado de *nível de cinza*). Essas propriedades são exemplificadas no espectrograma abaixo:

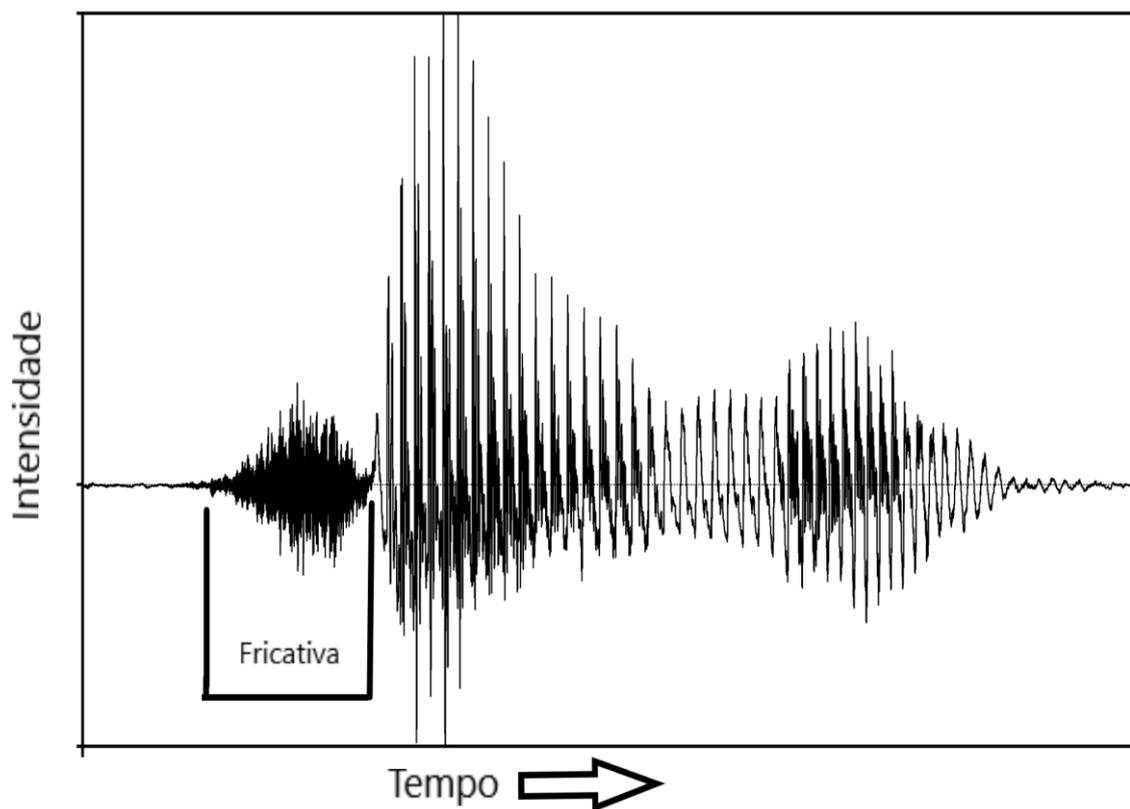
Figura 2. Espectrograma da palavra terena *xâne* ‘homem, gente’.



No espectrograma acima, podemos ver a indicação do tempo, que vai da esquerda para a direita (da mesma forma que na escrita), com o exemplo da palavra *xâne* ‘homem, gente’. Assim, na parte mais à esquerda, temos a indicação na figura de onde ocorre a fricativa palatal [j], que é grafada como <*x*> na escrita terena. Podemos ver então que, no espectrograma, podemos identificar partes da representação, da imagem, que correspondem aos fones da palavra que foi pronunciada. Também vemos, na imagem acima, a indicação das diferenças de intensidade (partes mais intensas são mais escuras) e da frequência em que o som ocorre. Os de menor frequência, na parte mais baixa da figura, são os sons mais graves, e os de frequência maior, mais em cima, são os mais agudos.

Também usaremos as representações de onda para estudar a fala e a pronúncia da língua terena. Na figura 3 abaixo apresentamos um exemplo de uma representação de onda, mais uma vez para a palavra *xâne* ‘homem, gente’.

Figura 3. Representação de onda da palavra terena *xâne* ‘homem, gente’.



A representação de onda indica a intensidade do som na vertical, e o tempo na horizontal. É uma forma de se indicar de forma mais clara as diferenças de intensidade e a duração de cada segmento, isto é, o tempo que levamos para pronunciar cada fone. Tanto o tempo quanto a intensidade são importantes para a realização do acento e da prosódia, e vão ter importância na próxima seção do trabalho.

4.2. Resultados: A palavra fonológica em Terena.

A nossa discussão sobre o acento na língua terena como uma pista para identificar a formação de palavras fonológicas começará pela discussão de um sufixo, o marcador *-ti*, que indica que não existe um possuidor específico para o nome a que ele se prende. Por exemplo:

(13) *Usos do sufixo de posse generalizada -ti*

<i>-pâho</i> ‘boca’	<i>mbâho</i> ‘minha boca’	<i>pahô-ti</i> ‘boca de alguém’
<i>-tâki</i> ‘braço’	<i>ndâki</i> ‘meu braço’	<i>takî-ti</i> ‘braço de alguém’
<i>-vô’u</i> ‘mão’	<i>võ’u</i> ‘minha mão’	<i>vo’û-ti</i> ‘mão de alguém’

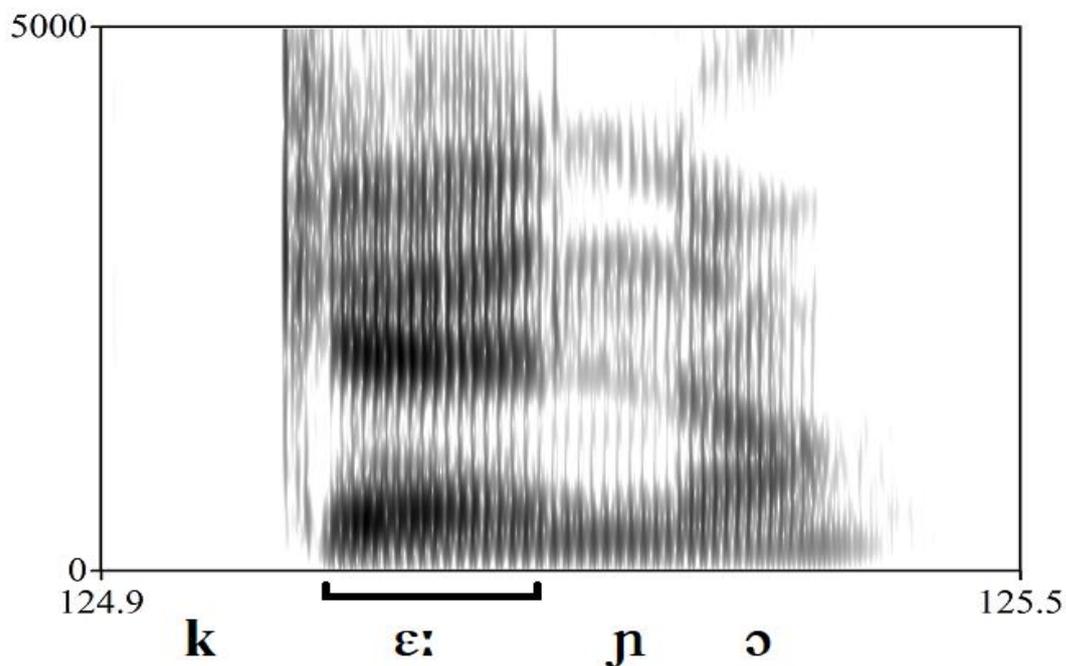
Como podemos ver nos exemplos acima, o sufixo *-ti* em Terena indica que um nome inalienável, como uma parte do corpo, está possuído de forma não-específica, sem dizer precisamente qual é a pessoa gramatical (primeira, segunda ou terceira) do possuidor do nome.

Quando o sufixo *-ti* se combina com uma raiz, como, por exemplo, o nome *-pâho*, ‘boca’, temos uma palavra gramatical formada de dois morfemas. Sabemos que esses dois morfemas formam uma só palavra por que eles ocorrem sempre juntos, nessa ordem específica, e com um significado convencional. Na sintaxe da língua, uma palavra como *pahôti* ‘boca de alguém’, também funciona como uma unidade para as regras de formação de frases.

As características prosódicas, isto é, do acento, que estão envolvidas com o sufixo *-ti*, são exemplificadas abaixo, com o uso dos espectrogramas. Vamos mostrar que esse sufixo tem um efeito sobre o acento das palavras. Na figura 4 temos a forma de terceira pessoa singular, *Ø-kêno* ‘orelha dele/dela’, que mostra o acento na primeira sílaba. Esse padrão ocorre com todas as formas do paradigma em que existe um possuidor específico,

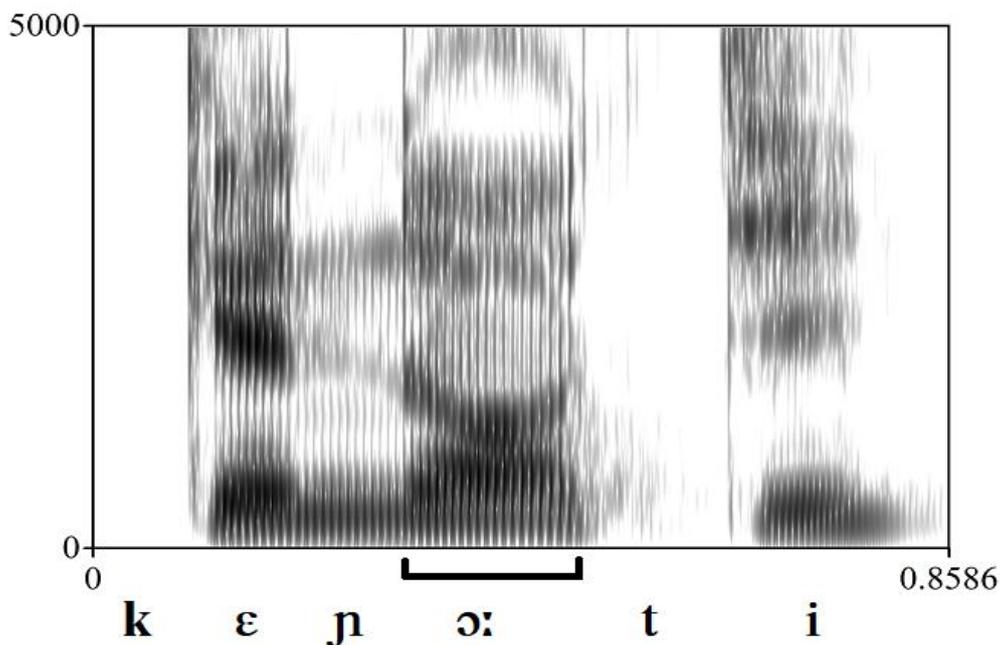
por exemplo *ngêno* ‘minha orelha’. Indicamos, na escrita terena, essa posição do acento pela colocação do acento circunflexo na primeira sílaba da palavra.

Figura 4. Espectrograma de uma produção da palavra *Ø-kêno* ‘orelha dele/dela’.



Como já discutimos no capítulo 3, a fonética do acento circunflexo é caracterizada pelo alongamento da vogal, e, também, pela maior intensidade da sílaba. Na figura 4, acima, indicamos a duração da vogal [ɛ:] por uma linha horizontal abaixo do espectrograma. Podemos ver também que essa vogal é pronunciada com mais intensidade do que a vogal final, [ɔ], que a cor dela é mais escura.

Figura 5. Espectrograma de uma realização da palavra *kenô-ti* ‘orelha de alguém’.



Já no espectrograma acima, na figura 5, temos uma produção da forma *kenô-ti* ‘orelha de alguém’. Aqui podemos ver que a maior duração da vogal, e também a maior intensidade, ocorrem na segunda sílaba, e não na primeira. Isto é, com a presença do sufixo *-ti* o acento “salta” para a direita, mudando sua posição.

Esses resultados da análise dos espectrogramas confirmam o que haviam dito Bendor-Samuel (1961) e Ekdahl & Butler (1979) sobre o acento na língua terena. Especificamente, esses autores descreveram, sem usar os aparatos da fonética, que o acento da base muda sua posição quando o sufixo *-ti* ocorre.

Nós propomos nessa dissertação que o efeito que o sufixo *-ti* possui sobre o acento da palavra indica que ele forma uma palavra fonológica. Isto é, embora uma palavra como *takî-ti* ‘braço de alguém’ tenha dois morfemas, eles formam apenas uma palavra fonológica. Assim como em *ndâki* ‘meu braço’, o acento cai sobre a penúltima sílaba.

4.2.1. Os Determinantes *ne* e *ra*.

Em termos da sua semântica ou significado, além de por causa de suas funções gramaticais, os morfemas Determinantes *ne* e *ra* são bastante complexos. Podem ser utilizados para formar predicados, como marcas de definitude e, pelo menos no caso de *ra*, podem funcionar como dêiticos, indicando a localização de referentes no espaço e no discurso.

Como exemplo do uso dos Determinantes na formação de predicados, podemos comparar os dados em (14a) e (14b) abaixo. Se temos um elemento como *xúnati* ‘(ser) forte’, que podemos descrever como sendo um adjetivo (‘forte’) ou um predicado intransitivo (‘ser forte’), a escolha entre uma dessas interpretações sintáticas e semânticas depende de termos ou não um Determinante presente. Em (14a), a relação entre *xúnati* e *hóyeno* ‘homem’ é a de um atributo, uma vez que nenhum determinante está presente. A palavra *xúnati* funciona então como o adjetivo ‘forte’. Em (14b) o que ocorre é diferente. Como o Determinante *ne* está presente, colocado antes de *hóyeno* ‘homem’, esse substantivo funciona como sujeito de uma oração, e *xúnati* passa a ser interpretado como o predicado ‘é forte’:

(14) *Marcadores **ne** e **ra** na formação de predicções.*

- (a) \emptyset -*sîmo* *xúnati* *hóyeno*
 3sg- chegar forte homem
 ‘o homem forte chegou’
- (b) *xúnati* *ne* *hóyeno*
 forte DET homem
 ‘o homem é forte’
- (c) * \emptyset - *sîmo* *xúnati* *ne* *hóyeno*
 3sg- chegar forte homem
 Sentença pretendida: ‘o homem forte chegou’

Em (14c), mostramos também que *ne* (ou *ra*) não pode(m) ser inserido(s) entre *xúnati* e *hóyeno*, já que, como o verbo *sîmo* ‘chegar’ está presente, *xúnati hóyeno* ‘homem forte’ funciona como um só elemento (constituente) na sintaxe. Mas os Determinantes podem ocorrer antes desse constituinte, isto é, sem interromper as duas palavras. O Determinante *ne* pode ser usar como indicando definitude (*sîmo ne xúnati hóyeno* “o homem forte chegou”) e o Determinante *ra*, como marcador dêitico (*sîmo ra xúnati hóyeno* “esse homem forte chegou”).

Quando olhamos para a sintaxe dos Determinantes, isto é, para as possibilidades que a língua terena dá para combinar esses elementos com as outras palavras de uma frase ou oração, podemos ver que um Determinante, *ra* ou *ne*, forma uma unidade com o nome que vem depois dele. O Determinante e o Nome formam um constituinte, que não pode ser interrompido por outra palavra que não pertença a esse constituinte, como o verbo. Nos exemplos abaixo, ilustramos o fato de que a sentença fica agramatical se o verbo *sîmo* ‘ele/ela chega’ ou o advérbio *ko’óyene* ‘hoje’ for colocado entre o Determinante e o nome (*enepo* é uma marca de ênfase, que vamos discutir adiante):

(15) *Relação entre Determinante e o Nome*

(a) *sîmo ra hóyeno*
 chegou DEM homem
 ‘O homem chegou’

(b) *enepo ra hóyeno sîmo*
 ênfase DEM homem chegou
 ‘O homem chegou’

(c) *enepo ra hóyeno sîmo ko’óyene*
 ênfase DEM homem chegou hoje
 ‘O homem chegou hoje’

- (d) * *enepo ra sîmo hóyeno*
 ênfase DEM chegou homem
 Sentença pretendida: ‘O homem chegou’
- (e) * *enepo ra ko'óyene hóyeno sîmo*
 ênfase DEM hoje homem chegou
 Sentença pretendida: ‘O homem chegou hoje’

Mais adiante vamos ver que existe uma exceção, a chamada ‘palavra de pausa’, que pode ocorrer entre um Determinante e o nome, mas isso não diz que a análise do Determinante com o nome formando um sintagma nominal esteja errada.

Os Determinantes *ne* e *ra* nunca recebem acento, e podemos dizer por isso que eles são ‘prosodicamente fracos’. Essa característica pode indicar que os Determinantes são *clíticos*, elementos que, para a sua colocação na frase, precisam ocorrer próximos a uma palavra que tenha acento, na qual eles se “apoiam”. Essa análise parece estar certa, porque, para ocorrerem na posição inicial da frase, *ra* e *ne* precisam que uma palavra ocorra antes deles. Quando o verbo não está no início da frase (essa é a ordem de palavras mais comum para a língua terena), então a língua usa o elemento *énepo*, que Ekdahl & Butler (1979a: 164) chamam de ‘ênfase’. Mostramos isso com o exemplo das frases abaixo, expressando o significado ‘Essa criança caiu’. Quando *ra* fica em posição inicial de sentença, o resultado não é gramatical:

(16) *Restrição na colocação do Determinante*

- (a) *énepo ra kalivôno Ø- ikorókovo*
 ênfase DET criança 3- cair
 “Essa criança caiu”
- (b) *Ø- ikorókovo ra kalivôno*
 3- cair DET criança
 “Essa criança caiu”

- (c) * *ra kalivôno* Ø *ikorókovo*
 DET criança 3- cair
 Sentença pretendida: “Essa criança caiu”

Para colocar um Determinante, *ne* ou *ra*, na fronteira de um enunciado, isto é, na primeira posição ou na última posição, é necessário colocar uma outra sílaba, como *ha-*, ou fazer a reduplicação do Determinante. Nesse último caso, *ra* aparece como *ra'a* e *ne* aparece como *ne'e*. A reduplicação também é muito comum quando o Determinante parece ocorrer como um pronome ou quando aparece sozinho na resposta de uma pergunta:

(17) *Forma longa dos Determinantes*

- (a) *hára'a* Ø *ikorókovo*
 DET 3- cair
 “Esse caiu”
- (b) Ø *ikorókovo* *rá'a*
 3- cair DET
 “Esse caiu”
- (c) * *rá'a* Ø *ikorókovo*
 DET 3- cair
 Sentença pretendida: “Esse caiu”

Em resposta à pergunta *kutiya ikorókovo* “quem caiu?” ...

- (d) *hára'a*
 DET
 Resposta curta: “Esse.”
- (e) * *rá'a*
 DET
 Resposta pretendida: “Esse.”

O Determinante, quando acontece reduplicado, parece funcionar como um pronome. Embora a terceira pessoa seja descrita como sendo Ø- na língua terena, é comum encontrar, na fala espontânea, frases como Ø-*jêno né'e*, 'a esposa dele', onde o demonstrativo *ne* funciona como o pronome.

Como dissemos já, a ordem de palavras mais frequente (menos marcada) nas frases da língua terena é com o verbo ocorrendo na primeira posição. Para alguns autores, como Eastlack (1968: 5), os demonstrativos *ne* e *ra* ocorrem nesse contexto como clíticos presos ao nome que vem depois deles. Isto é, eles ocorrem como *proclíticos*. Nos nossos dados, como pela nossa discussão acima, parece que muitas vezes os Determinantes ocorrem, na verdade, presos ao verbo que vem antes. Isto é, eles são *enclíticos*. Um dos fatos mais importantes é o que explicamos acima, sobre *ne* e *ra* nunca ocorrerem em posição inicial de palavra, o que indica que eles são enclíticos, isto é, que precisam de uma palavra que vem antes deles para eles se prenderem.

Quando um Determinante ocorre preso a uma palavra que vem antes (isto é, o Determinante é um enclítico), ou quando ele ocorre preso em uma palavra que vem depois (isto é, o Determinante é um proclítico), podemos dizer que ele ocorre como parte de uma dessas palavras. Muitas vezes os linguistas, e talvez mesmo os falantes, usam a possibilidade de colocar uma pausa entre dois elementos para dizer que eles são parte de duas palavras diferentes. Podemos colocar uma pausa entre palavras diferentes, mas não podemos colocar uma pausa entre morfemas que são parte da mesma palavra. Em (18), abaixo, mostramos que a colocação de pausas (indicadas por '#') indicam que o Determinante pode ocorrer separado da palavra que vem antes, ou da palavra que vem depois. Os exemplos também mostram que a pausa não pode ocorrer no meio de uma palavra, como dentro do verbo:

(18) *Exemplos de colocação de pausas na língua terena*

- (a) *enepo ra tapî'i Ø- niko -ti*
 ENF DET galinha 3- comer -Cont
- (b) *enepo # ra tapî'i nikoti*
enepo ra # tapî'i nikoti
**enepo ra tapî'i niko#ti*

Em (18a), acima, nós mostramos a frase “Essa galinha tá comendo (alguma coisa)”. Já em (18b), mostramos diferentes formas de se colocar uma pausa na pronúncia dessa frase. Nos dois primeiros casos, colocar a pausa é aceito pelos falantes. Já nas duas últimas, em que as pausas são colocadas separando morfemas que fazem parte da mesma palavra (o verbo), o resultado é considerado estranho pelos falantes.

Um outro caso interessante de palavra que pode ocorrer ao lado dos Determinantes, é a ‘palavra de pausa’ *ká'aye*. Esse elemento costuma ocorrer em narrativas e conversas, em momentos em que o falante não ter certeza sobre o que vai falar, ou esquece uma palavra, isto é, nos momentos de hesitação. Os dois exemplos abaixo foram retirados da narrativa *apepe ne nîum* ‘A origem dos mosquitos’, narrada por Amarildo Júlio:

(19) *Exemplos do uso da palavra de pausa ká'aye*

- (a) ... *yane kîxoane ra huléketi ra ká'aye yonôti hôi...*
 (b) ... *kîxoanehi ne ká'aye hóyeno*

Tanto a pausa (#) quanto a palavra de pausa, *ká'aye*, podem ocorrer separando o Determinante do nome que ele modifica, isto é, separando os dois elementos que formam um constituinte (sintagma) nominal na sintaxe da língua terena. Isso porque, mesmo sendo parte do mesmo constituinte sintático, o Determinante e o nome podem pertencem

a palavras diferentes, quando o Determinante ocorre preso (enclítico) na palavra que precede. Uma pergunta que podemos fazer é se o Determinante, quando acontece preso à palavra que vem antes, forma com essa palavra uma palavra fonológica. Vamos explorar essa questão na próxima seção.

4.2.2. Os Determinantes *ne* e *ra* e a prosódia.

Na última seção, nós notamos que os Determinantes *ne* e *ra* parecem precisar de uma palavra que venha antes deles para que eles se prendam a ela, isto é, eles são elementos enclíticos. Vamos marcar esse tipo de estrutura usando o símbolo ‘=’ que indica a fronteira entre um clítico e uma palavra, e que é diferente do ‘-’, que indica a fronteira com um afixo (como o sufixo *-ti* que marca a posse não-específica). Exemplo:

(20) *Determinante ra usado como enclítico*

(a)	∅-	<i>imokóvoti</i>	= <i>ra</i>	<i>hóyeno</i>	<i>kalivóno</i>
	3-	cantar	=DET	homem	criança
		“Esse menino tá cantando”			

Na frase acima, podemos ver o Determinante ocorrendo como enclítico preso ao verbo. Já vimos também muitos exemplos dos Determinantes estando presos a outros tipos de palavras, como a ênfase *énepo*. Os Determinantes têm duas características que muitos clíticos têm também: em primeiro lugar eles podem aparecer presos a palavras de diferentes tipos (verbo, ênfase) e, em segundo lugar, eles ocorrem presos a uma palavra que não é a que eles modificam ou determinam. Na frase (20) acima, *ra* ocorre preso ao verbo, mas ele é um Determinante do nome que vem depois (*hóyeno kalivóno* ‘criança’).

Já vimos também que o Determinante forma um constituinte sintático com o nome. Então, o Determinante fica preso em uma palavra, mas determina a outra.

Se usamos um símbolo ‘=’ para indicar um clítico preso a uma palavra, e esse símbolo é diferente daquele que usamos para indicar que um afixo está preso a uma palavra, podemos pensar que esses dois elementos, o clítico e o afixo, tem algum funcionamento diferente na língua, no caso, na língua terena.

Nós vimos na seção 4.2 que o sufixo *-ti* muda o acento da palavra na qual ele se prende. Uma hipótese nossa é a de que essa mudança do acento é uma indicação de que o sufixo *-ti*, e todos os sufixos da língua terena, formam uma palavra fonológica com a palavra na qual eles se prendem. Vamos comparar agora o Determinante *ne* com um sufixo, *-ne* ‘já’. Escolhemos esses dois morfemas porque eles têm a mesma pronúncia, isto é, são homófonos. Se encontramos alguma diferença no comportamento deles, então podemos imaginar que não é por causa da forma deles, já que eles têm a mesma forma (mesma pronúncia). Em (21), abaixo, temos uma comparação que mostra que quando o Determinante *ne* está presente não temos uma mudança no acento do verbo, que continua sendo na posição inicial (*Ø-sîmo* ‘ele/ela chegou’). Quando acontece o sufixo *-ne* ‘já’, o acento muda, da mesma forma que mostramos para o sufixo *-ti* de possuidor não-específico.

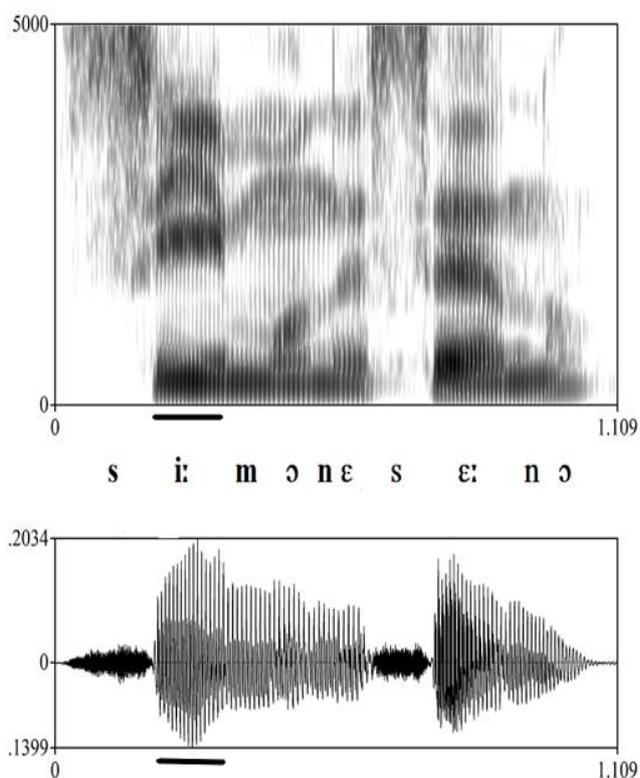
(21) *Comparação entre o Determinante ne e o sufixo -ne ‘já’.*

- (a) \emptyset *sîmo* =**ne** *sêno*
 3- chegar =DET mulher
 “A mulher chegou”
- (b) \emptyset *sîmo* -**ne** =**ne** *sêno*
 3- chegar -já =DET mulher
 “A mulher já chegou”

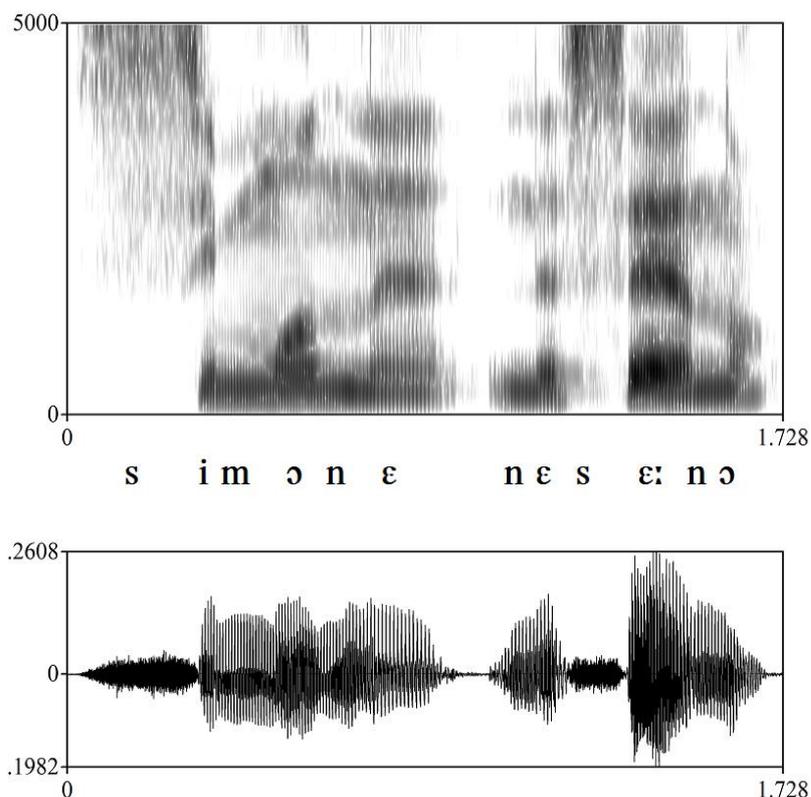
Podemos pensar, com base no que dissemos sobre o sufixo *-ti* na seção 4.2, que o sufixo *-ne* ‘já’ também forma uma palavra fonológica com a base na qual ele se prende, nesse caso, o verbo *Ø-sîmo* ‘ele/ela chegou’. Nós sabemos disso porque, quando *-ne* ‘já’ está presente, ele também faz com que o acento do verbo mude da primeira para a segunda sílaba. No entanto, o Determinante *ne*, embora ocorra preso ao verbo também, não causa essa modificação no acento. Isso mostra que é certo que ele não é um afixo (marcado com hífen ‘-’) mas um elemento de outro tipo, que chamamos de clítico e indicamos pelo sinal ‘=’. Assim, se os sufixos, como *-ne* ‘já’ ou *-ti* ‘possuidor não específico’ formam uma palavra fonológica com as suas bases, os Determinantes formam um outro tipo de unidade na prosódia, que podemos chamar de ‘frase fonológica’. Nos espectrogramas e representações de onda abaixo, comparamos os dois casos:

(22) *Espectrogramas e representações de onda*

(a)



(b)



Na imagem mais acima, em (22a), temos o espectrograma e a representação de onda da pronúncia de *Ø-símo ne sêno* ‘a mulher chegou’. Indicamos com linhas horizontais, embaixo do espectrograma e embaixo da onda, a primeira sílaba do verbo, *Ø-símo* ‘ele/ela chegou’, como sendo a acentuada. Podemos ver na onda que essa sílaba é mais intensa, por ser mais alta. No espectrograma podemos ver que a vogal é longa também, e de coloração escura, que também indica maior intensidade.

Já na imagem em (22b), nós vemos a representação da pronúncia da frase *Ø-simó-ne ne sêno* ‘A mulher já chegou’. Comparando com (22a), vemos que aqui não existe mais o acento na sílaba inicial do verbo. O acento está agora na segunda sílaba, *Ø-simó* ‘ele/ela chegou’, e não é mais circunflexo. Essa mudança fonética faz com que não tenha mais uma vogal longa.

4.2.3. O marcador de Plural *-hiko*.

Como discutido no capítulo 3, o marcador de plural *-hiko* é um dos elementos que apresenta maiores dificuldades na escrita da língua terena. Às vezes, os alunos, e também os professores, têm dificuldades e apresentam dúvidas. Existe muita variação na escrita desse morfema, que as vezes é escrito junto com a base que ele modifica, mas as vezes é escrito separado. Nessa seção vamos investigar algumas características desse morfema. Primeiro vamos discutir o seu significado — isto é, questões de semântica, de interpretação do sufixo *-hiko* — e depois vamos tratar das suas propriedades fonéticas e fonológicas, assim como fizemos até agora nesse trabalho.

Antes de começar a discutir esse morfema e as questões do seu significado, vamos descrever o tipo e a origem dos dados da língua terena que vamos apresentar nessa seção. Os dados que foram retirados da literatura publicada serão citados com as suas fontes. Quando os dados não estiverem com fontes, isso significa que eles foram elicitados com o autor, tanto nas sessões de orientação da dissertação e das disciplinas de semântica do Proflind (o Programa de Mestrado em Linguística e Línguas Indígenas do Museu Nacional, UFRJ), quanto no âmbito de um projeto de pesquisa em semântica formal, chamado “A typology of count, mass and number in Brazilian languages” (Uma tipologia de contáveis, massivos e número em línguas brasileiras), coordenado por Suzi Lima (University of Toronto e UFRJ) e Susan Rothstein (Bar-Ilan University). Esse projeto está atualmente investigando diversas línguas brasileiras, a respeito da distinção massivo-contável, do plural e dos quantificadores nominais. O projeto desenvolveu um protocolo de elicitação de dados (um questionário desenvolvido pelas coordenadoras, de autoria delas) para ser aplicado às diversas línguas investigadas dentro dele. O objetivo é ter um formato para a comparação entre os resultados, e a identificação de diferenças e pontos comuns entre as línguas estudadas por ele. O Terena foi investigado também com esse

mesmo protocolo. Os dados do Terena que surgiram desse projeto foram apresentados em 30 de agosto de 2017, no Workshop denominado “A typology of count, mass and number in Brazilian Languages”, que teve lugar no Museu do Índio (RJ). Essa pesquisa sobre o Terena rendeu um texto como resultado um trabalho ainda manuscrito, que tem como autores, além do autor desta dissertação, Aronaldo Júlio, também as pesquisadoras Luciana Sanchez-Mendes e Ana Quadros Gomes. Como falante nativo de Terena, o autor desta dissertação foi o informante das coletas. Como o texto ainda está manuscrito (Júlio, Quadros-Gomes e Sanchez-Mendes, ms.), a autora Luciana Sanchez Mendes foi consultada sobre o aproveitamento do trabalho nesta dissertação, tendo se colocado de acordo¹.

Muita coisa já foi escrita em tipologia linguística a respeito da marcação de número/ quantidade nominal nas línguas naturais. Nesta dissertação, para a investigação dos sintagmas nominais em língua terena, é usada a semântica formal (Partee 1996), linha de pesquisa em que a distinção contável-massivo tem importância. A semântica formal investiga o significado linguístico das línguas naturais, a fim de explicar a capacidade do falante nativo de produzir significado e de compreender sentenças na sua língua. São formuladas hipóteses que podem ser verificadas (e então confirmadas ou falseadas pelos dados). A semântica formal procura por universais linguísticos. Universais são padrões que se pode encontrar em toda e qualquer língua natural. No domínio nominal, alguns universais propostos já foram derrubados, por conta do novo conhecimento produzido sobre línguas, sobretudo indígenas, e mais interessantemente, por dados de línguas

¹ Agradeço às organizadoras do projeto “A typology of count, mass and number in Brazilian languages”, que criaram um questionário-padrão para esse projeto, e às minhas coautoras do trabalho “Count, Mass and Number em Terena”, resultante de sua aplicação, pela coleta, pelo acesso aos dados do trabalho e pelas discussões, bem como agradeço à audiência do Workshop “A typology of count, mass and number in Brazilian Languages” (2017). Muitas descobertas feitas nos processos citados foram aproveitadas nesta dissertação.

indígenas brasileiras. Por isso, os dados das línguas indígenas são o atual campo de testes das teorias e dos universais linguísticos (cf. Quadros-Gomes, 2015).

4.2.3.1 A Semântica dos Sintagmas Nominais em Terena

A língua terena apresenta um sistema nominal complexo. Ela conta com Determinantes, como *ne* e *ra*, que foram discutidos na seção (4.2.1) e na (4.2.2) desta dissertação. Foi dito antes que o Determinante e o Nome (seção 4.2.1.) formam um constituinte que não pode ser interrompido, isto é, não pode haver material interveniente entre o Determinante e o Nome. Não obstante, há sentenças bem formadas sem a presença de um determinante (os exemplos abaixo estão em Silva 2013, sem glosas):

(23) *Exemplos de sentenças terenas sem determinante*

- (a) Enovondi une.
Estar-1p. água
“Estou bebendo água”.
- (b) Eno arumo huveoke
Muitas piranha rio
“Tem muitas piranhas no rio”.
- (c) Ape ake handea
tem semente melancia
“A melancia tem semente”.
- (d) Exexo koe meum
nublado verbo de ligação Tempo
“O tempo está nublado”.
- (e) Iropoiti hoe niko uti koyene
Comer-1p peixe hoje
“Nós comemos peixe frito hoje”
- (f) Ndokopo kopuhi'oti kiakaxeke
Encontrar-1ps gato-do-mato ontem
“Ontem eu encontrei um gato do mato na estrada”

Parece que os contextos que licenciam a ausência de Determinantes são: sentenças apresentacionais / existenciais (“tem muitas piranhas no rio”), sentenças episódicas com complementos massivos e indefinidos (“nós comemos peixe frito hoje”, “o tempo está nublado”) e exemplos com argumentos verbais indefinidos (“ontem eu encontrei um gato [qualquer] na estrada”).

Os Determinantes *ra* e *ne* parecem carregar os significados de específico e definido (especificidade e definitude). Mas, apesar de eles não precisarem estar presentes em todas as sentenças, como vimos em (23), em certos contextos é obrigatório usar esses Determinantes, ou a frase fica agramatical.

Também existem quantificadores nominais na língua terena, como *he’u koeti* (inserir) ‘todos’ e *eno* ‘muito’.

Na língua terena, o sistema de numerais cardinais (“um”, “dois”, “três”, e assim por diante) tem morfemas nativos (isto é, não emprestados) somente até “três”; os números iguais ou maiores que quatro são empréstimos do português e apresentam um constituinte a mais, o verbo auxiliar *koeti*. Os cardinais nativos não são falados com esse auxiliar. A tabela dos numerais vai ser mostrada adiante (na seção 4.2.3.2). Além de Determinantes, quantificadores e cardinais, os nomes também têm um marcador de plural, que veremos com mais profundidade na próxima seção.

4.2.3.2 A distribuição e o significado do marcador de plural *-hiko*.

Como vimos com o caso dos Determinantes *ra* e *ne*, os morfemas gramaticais podem ter mais de um papel ou significado na gramática. Falando do sufixo *-hiko*, ele não

é só um marcador de plural, mas tem também outras funções em Terena. Além de ser o marcador de um plural com a terceira pessoa, nos verbos (24a abaixo) ou nos nomes (24b abaixo) ele também indica nomes coletivos como *hapátunahiko* ‘sapatos’, *itukóvoketihiko* ‘coisas de casa/mobília’, *pananahiko* ‘pencas/cachos de banana’ e *xanehiko* ‘pessoal/povo’.

(24) *Exemplos do uso e dos significados de -hiko*

(a) *noinjo* *-a* *-hiko*
 1sg.ver -Obj -3.PI
 “eu vejo eles”

(b) ∅ -ipe -na -ihiko
 3SG -cama -POSS -3PL
 “[está é a] cama deles”

O mais importante é notar que a ideia de “muitos” ou de uma pluralidade está sempre presente com *-hiko*. O pronome pessoal de terceira pessoa singular e o possessivo singular não são expressos por *-hiko* em Terena. Um ser único, a ideia de singular, não pode ser referido/a por *-hiko*.

O marcador de plural *-hiko* pode aparecer até três vezes numa sentença transitiva, ligado ao argumento interno (o complemento), ao argumento externo (o sujeito) ou ao verbo. Mas o importante é que o significado de plural, ou de ‘muitos’, é sempre relacionado com um nome, em geral com o nome que fica à esquerda de *-hiko*, isto é, aquele nome no qual ele ocorre preso. O marcador *-hiko* nunca ocorre como indicando um plural dos eventos ou acontecimentos que são descritos pelo verbo, apenas como pluralizador dos nomes. O exemplo abaixo é reproduzido de Rosa (2010 :83):

(25) *Exemplo de -hiko várias vezes na mesma sentença*

Enepo	ne	hojeno	hiko	namuko	hiko	bola	hiko
Enfático	DET	homem	Pl	pegar-durativo	Pl	bola	Pl

“Os homens estão pegando as bolas”

Tanto o SN *hojenohiko* ‘homens’ quanto o SN *bolahiko* ‘bolas’ são entendidos como estando no plural; a presença de *-hiko* no verbo não significa pluralidade de eventos, ou seja, não é possível entender a sentença dada como “O homem (de que estamos falando) pegou a bola (contextualmente saliente) várias vezes/ mais de uma vez”. Esse marcador de plural não pode, assim, pluralizar eventos em Terena, mas apenas nominais.

Uma vez estabelecido que *-hiko* produz apenas pluralidades nominais, podemos ver que ele pode aparecer menos vezes, como apenas nos nominais, sem estar também no verbo, com a mesma interpretação:

(26) Podemos ter *-hiko* mais de uma vez na sentença:

(a) Enepo	ne	hojeno	hiko	namukoti	bola	hiko
Enfático	DET	homem	Pl	pegar-durativo	bola-	Pl

“Os homens estão pegando as bolas”

(b) Enepo	ne	hojeno	hiko	isukoti	hiko	tamuku
Enfático	DET	homem	Pl	bater-durativo	Pl	cachorro

“Os homens estão batendo nos cachorros”

(= exemplo (10b) de ROSA 2010:83)

Os exemplos abaixo têm todos o mesmo significado: o de que uma pluralidade de mulheres cortou um pedaço carne de vaca. Como podemos ver, *-hiko* (que dá o significado de “muitas mulheres”) pode aparecer em diversas posições na frase. Isso mostra que *-hiko* tem muita mobilidade:

(27) A mobilidade de *-hiko*

- (a) Tetukéxoti naum vaka ne seno - hiko
 cortar-t. real-concl carne vaca DET mulher - Pl
 ‘Estas mulheres cortaram a carne de vaca’
- (b) Tetukéxoti naum vaka - hiko ne seno
 cortar-t. real-concl carne vaca - Pl DET mulher
 ‘Estas mulheres cortaram a carne de vaca’
- (c) Tetukéxoti naum - hiko vaka ne seno
 cortar-t. real-concl carne - Pl vaca DET mulher
 ‘Estas mulheres cortaram a carne de vaca’
- (d) Tetukéxoti - hiko naum vaka ne seno
 cortar-t. real-concl - Pl carne vaca DET mulher
 ‘Estas mulheres cortaram a carne de vaca’
- (e) Tetukéxoti - hiko naum vaka ne seno -hiko
 cortar-t. real-concl - Pl carne vaca DET mulher - Pl
 ‘Estas mulheres cortaram a carne de vaca’

O marcador de plural nominal *-hiko* não é licenciado quando os nomes ocorrem junto com numerais (a forma *pi’a seno* ‘duas mulheres’ é gramatical, mas a forma *pi’a senohiko* ‘duas mulheres-pl’ é agramatical); no exemplo abaixo, o número *piá* ‘dois’ não pode coocorrer com o SN na forma *pânanahiko*, sendo *piá pânana* perfeitamente gramatical:

(28) *O uso de -hiko com cardinais é agramatical*

Pi’a	pânana	(*hiko)	nînga	kó’oyene
dois	banana	(*_ Pl)	comer.1	hoje

‘Eu comi duas bananas hoje.’

A tabela dos numerais está abaixo; a presença de *_hiko* é agramatical (não pode estar presente) nos SNs em que há qualquer cardinal expresso:

Quadro 3- Numerais

1 mulher =	<i>púhuti seno</i>
2 mulheres =	<i>pi'áti seno</i>
3 mulheres =	<i>mapo seno</i>
4 mulheres =	<i>kuaturu koeti seno</i>
5 mulheres =	<i>singu koeti seno</i>
6 mulheres =	<i>seí koeti seno</i>
7 mulheres =	<i>seti koeti seno</i>

Só esses fatos já apontam para o fato de *_hiko* ser bem diferente de um morfema “flexional” de plural, como é o *_s* do inglês ou do português, obrigatório com cardinais acima de *two/dois*. A quantidade plural não dispara “concordância de número” em língua terena, língua em que a concordância de número e a de gênero não se realizam. Portanto, a inserção de *_hiko* tem a função semântico-discursiva de salientar a pluralidade do referente do SN, chamando a atenção para o fato de haver muitos, sem ter por isso nenhuma função gramatical de marcar concordância nominal.

Observamos também não há obrigatoriedade da presença de *-hiko* com sentenças em que o nominal é quantificado por *eno* ‘muitos’/ ‘bastantes’, um quantificador de significado plural, que indica que o nominal quantificado se refere a dois ou mais indivíduos, como vemos no exemplo abaixo (exemplo de Silva 2013, glosa nossa):

- (29) Eno arumo huveo ke
 Muito piranha rio- localizador
 “Tem muitas piranhas no rio”.

Como o marcador de plural *-hiko* é opcional, os nomes podem ser entendidos como se referindo a dois ou mais objetos mesmo quando *-hiko* não está presente (exemplo de Butler 2003:08):

- (30) Ø- heú'i- ti Ø -ôe ne sîni
 3- afiado- DUR 3- dente DET onça
 “O dente da onça é afiado/ os dentes da onça são afiados”

Butler (2003) usa esse exemplo para mostrar que a presença do determinante *ne* faz com que *sîni* se refira a uma onça específica: *ne sîni* aponta para um animal em particular. Já que *-hiko* não ocorre na frase, a frase acima pode se referir a qualquer número de dentes, podendo ser entendida como singular (‘o dente é afiado’) ou como plural (‘os dentes são afiados’). Isto é, não é porque *-hiko* não está presente que os nomes serão necessariamente entendidos como singular: nomes sem *-hiko* também podem ser entendidos como plural.

Os nomes na língua terena, quando não estão junto de quantificadores, como *eno* ‘muito’, ou de um plural como *-hiko* ou de um Determinante, podem ser interpretados como sendo plural ou singular, e o contexto pode guiar o ouvinte para uma interpretação ou outra. Seguindo a literatura semântica, podemos dizer que os nomes do Terena são neutros para número, ou seja, não têm leitura default de número singular nem leitura default de número plural.

4.2.3.3 A distinção contável-massivo em Terena.

A distinção massivo-contável tem larga tradição em semântica; a princípio, os nominais foram separados simplisticamente em dois grandes grupos: os contáveis e os massivos. Os estudos dos anos 1980 baseavam-se na língua inglesa, propondo que seu comportamento fosse universal. Para Link (1983), o modo de referência separa os nomes em duas classes. Em inglês, nomes nus como *horse* ‘cavalo’ podem ser usados para falar de um cavalo solitário, mas não para descrever dois ou mais cavalos, nem partes

componentes de um cavalo. Já o plural *horses* ‘cavalos’ pode descrever quaisquer somas de cavalos, mas não um cavalo solitário, nem partes de cavalo. Nomes como *sand* ‘areia’ descrevem quaisquer tantos de areia. Observe-se que, em inglês, o plural, nos dados examinados, não se aplica a nomes massivos, mas só a contáveis: não existe **sands* ‘areias’ em inglês, mas há o contraste entre *horse*, no singular, e *horses*, no plural. Em português se observa praticamente a mesma coisa: enquanto é fácil pluralizar nomes como *cavalo*, *menino*, *carro* e *casa*, não é tão comum a forma plural de *terra*, *lama*, *poeira* e *sal*. Uma das perguntas que se faz, ao investigar se a gramática de uma língua é sensível ao contraste contável-massivo, é se os nomes de massa dessa língua podem ou não podem ser pluralizados. Espera-se que os nomes contáveis possam, mas os massivos não.

Para aplicarmos esse teste, primeiramente foi necessário determinar quais nomes são massivos e quais nomes são contáveis em Terena. O primeiro passo é baseado nas propriedades da referência do nome no mundo: nomes contáveis tendem a se referir a indivíduos facilmente distinguíveis no mundo, enquanto que os de massa tendem a nomear substâncias, pós, líquidos e noções abstratas (como *paz* e *saúde*). A primeira tarefa de elicitación, no âmbito do projeto “A typology of count, mass and number in Brazilian languages”, consistiu na tradução de algumas palavras do português para o Terena (língua-alvo), seguindo o critério do tipo de referência. Rendeu o seguinte quadro:

Quadro 4 - divisão segundo o critério da referência

CONTÁVEIS	MASSIVOS
<i>ake xûme</i> ‘flecha’ <i>hó’openo</i> ‘pássaro’ <i>hõe</i> ‘peixe’ (vivo, no rio) <i>hóyeno</i> ‘homem’ <i>hóyeno kalivôno</i> ‘menino’ <i>hurepe</i> ‘colher’ <i>inámati kalivôno</i> ‘bebê’ <i>kâ’i</i> ‘macaco’ <i>kalivôno</i> ‘criança’ <i>ko’é</i> ‘batatas’ <i>koexoe</i> ‘cobra’ <i>kopútoe tapî’i</i> ‘ovo de galinha’ <i>nâranja</i> ‘laranja’ <i>ovokúti</i> ‘casa’ <i>pânana</i> ‘banana’ <i>piritau</i> ‘faca’ <i>póko</i> ‘cuia’ <i>pú’iti exáte</i> ‘côco’ <i>pú’itinoe exáte</i> ‘cacho de coco’ <i>sêno</i> ‘mulher’ <i>sîni</i> ‘onça’ <i>suîke</i> ‘lança’ <i>tamuku</i> ‘cachorro’ <i>tuîti</i> ‘rede’ (de dormir) <i>verixópeti</i> ‘redes de pescar’ <i>xovo’iti</i> ‘cocar’ <i>xûme</i> ‘arco’ <i>xúpu</i> ‘mandioca’	<i>ásuka</i> ‘açúcar’ <i>hapâtu</i> ‘sapato’ <i>hapâtu</i> ‘conjunto de calçados’ <i>hoehiko</i> coletivo de peixe’ <i>inakurukuvâti</i> ‘saudade’ <i>ipovóti</i> ‘conj. de panos/ roupas’ <i>iti</i> ‘sangue’ <i>itukóvoketihiko</i> ‘conj. de coisas de casa/mobília’ <i>kásati</i> ‘frio’ <i>kótuti</i> ‘calor’ <i>kumá’am</i> ‘caxiri’ <i>kuríhoe</i> ‘fumaça’ <i>mópo</i> ‘mel’ <i>mote</i> ‘barro’ (p/ fazer cerâmica) <i>nakaku</i> ‘arroz’ <i>nakátihiko</i> ‘conjunto de colares’ <i>nâum</i> ‘carne’ <i>nopétihiko</i> ‘instrumentos de plantar’ <i>oposiheopetihiko</i> ‘material de pesca’ <i>oxopétihiko</i> ‘conj. instrumentos musicais’ <i>râmoko</i> ‘farinha’ <i>úko</i> ‘chuva’ <i>une</i> ‘água’ <i>xikixi</i> ‘óleo’ <i>xómoyu</i> ‘mingau’ <i>yomômo</i> ‘lama’ <i>yúku</i> ‘fogo’ <i>yúku</i> ‘sal’

A primeira coisa que salta aos olhos nessa lista do **quadro 4** é que diversos nomes de coletivos/ agregados/ coleções (na coluna da direita) são formados do nome do indivíduo integrante + *-hiko*. Por exemplo, existe a palavra *hapâtu* ‘sapato’ (contável, segundo o critério da referência) e a palavra *hapâtu* ‘conjunto de calçados’; existe a palavra *hoe* ‘peixe’ (contável, segundo o critério da referência) e a palavra *hoehiko* ‘coletivo de peixes’; existe a palavra *ipovóti* ‘roupa’ (contável, segundo o critério da referência) e também existe a palavra *ipovóti* ‘vestuário’; existe o termo *oxopéti* ‘instrumento’ (contável, segundo o critério da referência) e a palavra *oxopétihiko* ‘coleção de objetos que produzem música’; etc.

Agora veremos uma segunda condição bem estabelecida na literatura para identificar as palavras de uma língua como contáveis: a modificação direta por numerais. Enquanto *três meninos* é de uso normal em português, **três ares* causa estranheza e dificilmente será colocado em uso numa sentença espontânea do português. Mas se houver um recipiente/um classificador/uma expressão de medida entre o cardinal e o nome massivo, o SN contendo o cardinal e o nome massivo ficará natural: *três tanques de ar* pode ser usado naturalmente em sentenças espontâneas do português. Assim, o passo seguinte na coleta, no âmbito do projeto “A typology of count, mass and number in Brazilian languages”, foi verificar quais nomes, entre os traduzidos, aceitam contagem direta, e quais ficam estranhos em contagem direta, requerendo uma expressão mediadora, seja um recipiente, como ‘cuia’/‘tanque’, uma medida, como ‘litro’ ou ‘quilo’, ou um classificador (nas línguas que têm classificadores). O resultado desse passo do questionário foi o seguinte:

Quadro 5- divisão segundo o critério da contagem direta

CONTÁVEIS	MASSIVOS
<p><i>mopo'âti pú'itinoe exáte</i> '3 cachos de coco'</p> <p><i>mopo'âti ake xûme</i> '3 flechas'</p> <p><i>mopo'âti hó'openo</i> '3 pássaros'</p> <p><i>mopo'âti hôe</i> '3 peixes'</p> <p><i>mopo'âti hóyeno</i> '3 homens'</p> <p><i>mopo'âti hurepe</i> '3 colheres'</p> <p><i>mopo'âti kê'i</i> '3 macacos'</p> <p><i>mopo'âti kalivôno</i> '3 crianças'</p> <p><i>mopo'âti ko'é</i> '3 batatas'</p> <p><i>mopo'âti koexoe</i> '3 cobras'</p> <p><i>mopo'âti kopútoe tapi'i</i> '3 ovos'</p> <p><i>mopo'âti nâranga</i> '3 laranjas'</p> <p><i>mopo'âti ovokúti</i> '3 casas'</p> <p><i>mopo'âti pânana</i> '3 bananas'</p> <p><i>mopo'âti piritau</i> '3 facas'</p> <p><i>mopo'âti póko</i> '3 cuias'</p> <p><i>mopo'âti pú'iti exáte</i> '3 côcos'</p> <p><i>mopo'âti sêno</i> '3 mulheres'</p> <p><i>mopo'âti sîni</i> '3 onças'</p> <p><i>mopo'âti suîke</i> '3lanças'</p> <p><i>mopo'âti tamuku</i> '3cachorros'</p> <p><i>mopo'âti tuîti</i> '3 redes' (de dormir)</p> <p><i>mopo'âti verixópeti</i> '3 redes de pesca'</p> <p><i>mopo'âti xovo'íti</i> '3 cocares'</p> <p><i>mopo'âti xûme</i> '3 arcos'</p> <p><i>mopo'âti xúpu</i> '3 mandiocas'</p>	<p><i>*mopo'âti inakurukuvâti</i> *'3 saudades'</p> <p><i>*mopo'âti ásuka</i> *'3 açúcares'</p> <p><i>*mopo'âti hapâtuhiho</i> *'3 calçados'</p> <p><i>*mopo'âti hoehiko</i> '3 coletivos de peixe'</p> <p><i>*mopo'âti ipovótihiko</i> *'3 vestuários'</p> <p><i>*mopo'âti iti</i> *'3 sangues'</p> <p><i>*mopo'âti itukóvoketihiko</i> *'3 mobílias'</p> <p><i>*mopo'âti kásati</i> *'3 frios'</p> <p><i>*mopo'âti kótuti</i> *'3 calores'</p> <p><i>*mopo'âti kumá'am</i> #'3 caxiris'</p> <p><i>*mopo'âti kuríhoe</i> *'3fumaças'</p> <p><i>*mopo'âti mópo</i> *'3 méis'</p> <p><i>*mopo'âti mote</i> *'3 barros' (material de cerâmica)</p> <p><i>*mopo'âti nakaku</i> *'3 arrozés'</p> <p><i>*mopo'âti nakátihiko</i> *'3 conj.de colares'</p> <p><i>*mopo'âti nâum</i> *'3carnes'</p> <p><i>*mopo'âti nopétihiko</i> *'3 equipamentos de plantar'</p> <p><i>*mopo'âti oposiheopetihiko</i> *'3 materiais de pesca'</p> <p><i>*mopo'âti oxopétihiko</i> *'3conj. instrumentos musicais'</p> <p><i>*mopo'âti pânanahiho</i> '3 cachos/ pencas de banana'</p> <p><i>*mopo'âti râmoko</i> '3 farinhas'</p> <p><i>*mopo'âti úko</i> #'3 chuvas'</p> <p><i>*mopo'âti une</i> #'3 águas'</p> <p><i>*mopo'âti xikixi</i> *'3 óleos'</p> <p><i>*mopo'âti xómoyu</i> #'3 mingaus'</p> <p><i>*mopo'âti yomômo</i> '3 lamas'</p> <p><i>*mopo'âti yúku</i> *'3 fogos'</p> <p><i>*mopo'âti yúku</i> *'3 sais'</p>

Vimos, então, levando em conta os resultados do **quadro 4** e do **quadro 5**, que as propriedades distintivas dos nomes contáveis e dos nomes massivos (Chierchia 2010), apresentadas em (31) e (32), abaixo, permitem uma separação clara entre duas classes de nomes na língua terena.

(31) *Propriedades típicas dos nomes contáveis*

- (a) Referência a indivíduos
- (b) Combinação direta com cardinais

(32) *Propriedades típicas dos nomes massivos*

- (a) Referência a materiais, líquidos, sentimentos, substâncias etc.
- (b) Combinação com cardinais: apenas indireta

Outra propriedade que, na literatura linguística da semântica (ver Chierchia 2010), é frequentemente discutida como podendo diferenciar nomes massivos de nomes contáveis é a possibilidade de combinação do nome examinado com um morfema ou marcador de plural. Como já mencionamos, os nomes contáveis normalmente têm uma diferença entre singular e plural (como na diferença de forma do nome *maçã*, do português, em *Eu comi uma maçã*, que é diferente da forma plural *maçãs*, assumida pelo nome em *Eu comi duas maçãs*), mas os nomes massivos não (*água* não recebe plural; digo *eu bebi água* para qualquer quantidade bebida; no contexto de tomar outro dia o dobro do que foi tomado hoje, não posso descrever isso dizendo **eu bebi águas*).

Já vimos que o sufixo *-hiko* pode ser chamado de um marcador de plural. Também vimos acima que a gramática da língua terena parece fazer diferença entre nomes contáveis e nomes massivos. Nós esperávamos então, caso o Terena se comportasse tal como o inglês ou como o português se comportam nesse quesito, que apenas os nomes contáveis do Terena pudessem ser marcados com *-hiko*, isto é, que só eles, mas nunca os nomes massivos, pudessem ter uma forma diferente no singular e no plural. Porém, os nossos resultados, com dados elicitados, mostram que, diferentemente dessa expectativa, os nomes contáveis e massivos podem igualmente ocorrer com *-hiko*, mesmo os nomes massivos (aqueles que fazem referência a substâncias, pós, líquidos, sensações etc.) não podendo ser contados diretamente.

(33) *Exemplos de massivos que não podem receber cardinal diretamente*

- (i) a. *Pi'a êho mópo ne nzá'a
dois tem mel DET meu.pai
*‘Meu pai tem dois méis.’
- (i) b. Pi'a êho látana mópo ne nzá'a
dois tem lata mel DET meu.pai
‘Meu pai tem duas latas de mel.’
- (ii) a. *Pi'a úne êho ne nzá'a
dois água tem DET meu.pai
#‘Meu pai tem duas águas.’
- (ii) b. Pi'a lituru úne êho ne nzá'a
dois litro água tem DET meu.pai
‘Meu pai tem dois litros de mel.’
- (iii) a. *Pi'a itína irikeovo ne hóyeno
dois sangue perdeu DET homem
Leitura desejada: ‘O homem perdeu sangue duas vezes.’
- (iii) b. Pi'a irikeovo itína ne hóyeno.
dois perdeu sangue DET homem
‘O homem perdeu sangue duas vezes.’
- (iv) a. *Pi'a xómoyu nika ne nzá'a.
dois mingau comeu DET meu pai
Leitura desejada: ‘Meu pai comeu mingau duas vezes.’
- (iv) b. Pi'a utó xómoyu nika ne nzá'a.
dois prato mingau comeu DET meu pai
‘Meu pai comeu dois pratos de mingau.’
- (v) a. *Pi'a yomômo xenekuke.
dois lama em-a-rua
Leitura desejada: ‘Tem duas poças de lama na rua’
- (v) b. Pi'a ipuxovoku yomômo xenekuke
dois reunindo lama em-a-rua
‘Tem duas poças de lama na rua’

Vemos pelos exemplos de (i) a (v) em (33) que nomes como *mópo* ‘mel’, *úne* ‘água’, *ití-*

na ‘sangue’, *xómoyu* ‘mingau’ e *yomômo* ‘lama’ em Terena não podem se combinar diretamente a numerais. A língua terena dispõe de diversas expressões de medição, que atuam como intermediárias entre o cardinal e o nome massivo, como *kiluna* ‘kilo’, *méturuna* ‘metro’, *itátane* ‘pedaço (de pão)’, *karápana* ‘garrafa’, *enovopeti* ‘cuia’, *ihaku* ‘saco’ *hurepe* ‘colher’ etc. Só quando esses nomes fazem a mediação entre o numeral e o nome de massa (que nomeia substâncias), a combinação fica aceitável. Esperaríamos que não pudessem ser pluralizados. Entretanto, essa expectativa não vai se confirmar completamente. Em certos casos, como previsto, a pluralização de nomes de massa resulta em agramaticalidade:

(34) *Agramaticalidade da pluralização com nomes massivos*

- | | | | | | |
|-----|---|-------|---------|-----|-----------|
| (a) | *Xómoyu | -hiko | nika | ne | nzá’a. |
| | mingau | -PL | comeu | DET | meu.pai |
| | Pretendido: *‘Meu pai comeu mingaus’ | | | | |
| | | | | | |
| (b) | *Râmoko | -hiko | ipara | ne | ênom. |
| | Farinha | -PL | ganhou | DET | minha.mãe |
| | Pretendido: “Minha mãe ganhou farinhas” | | | | |
| | | | | | |
| (c) | *Yuki | -hiko | vaneo | ne | ênon. |
| | sal | -PL | comprou | DET | minha.mãe |
| | Pretendido: “Minha mãe comprou sais” | | | | |

As sentenças em (34) foram elicitadas sem qualquer contexto prévio, e sem imagens; elas foram ditas do nada, ou “out of the blue”. Mas, em outros contextos, com imagens e/ou contextos fornecidos, a pluralização desse tipo de nome foi julgada aceitável. As sentenças a seguir foram consideradas bem formadas e foram bem aceitas:

(35) *Gramaticalidade da pluralização de nomes massivos*

- | | | | | |
|-----|---|-----|---------|--------|
| (a) | Vanenjoa | ne | râmoko | -hiko. |
| | comprar.1s | DET | farinha | -Pl |
| | Lit.: ‘Eu comprei farinhas (em pacotes).’ | | | |
| | “Eu comprei pacotes de farinhas” | | | |

- (b) Nonjoa úne -hiko.
 ver.1s água -Pl
 Literalmente: ‘Eu vi as águas.’
 Contexto: muitas porções de água – como no Pantanal
- (c) Nonjoa yomômo -hiko.
 ver.1s lama -Pl
 Literalmente: ‘Eu vi lamas.’
 ‘Eu vi as (porções de) lama.’
- (d) Nonjoa peixou -hiko.
 ver.1s feijão -Pl
 Literalmente: ‘Eu vi os feijões.’
 ‘Eu vi as (porções de) feijão.’
- (e) Nonjoa nâum -hiko.
 ver.1s carne -Pl
 Literalmente: ‘Eu vi as carnes’.
 ‘Eu vi as (porções de) carne.’
- (f) Nonjoa râmoko -hiko.
 ver.1s farinha -Pl
 Literalmente: ‘Eu vi as farinhas’.
 ‘Eu vi as (porções de) farinha.’

Como mostram os exemplos em (35), o marcador de plural *-hiko* pode, então, ser combinado tanto com nomes massivos como com nomes contáveis (se, para assim identificarmos os nomes, levarmos em conta os critérios do tipo de referência e da combinação direta a cardinais). Sua combinação com nomes massivos gera leitura de porções/ unidades embaladas/ quantidades acomodadas em recipientes. Portanto, é preciso ter substâncias/líquidos/materiais separadas/separados em porções distintas para que o plural *-hiko* possa ser empregado com nomes de massa. Diferentemente do que ocorre em português, *râmokohiko* ‘farinhas’ é interpretado primariamente como embalagens de farinha. Não existe a leitura de grande volume de farinha para *râmokohiko*, nem é acionada imediatamente a leitura de dois ou mais tipos diferentes de farinha (por exemplo, a de milho e a de mandioca). Nos contextos em que não há arranjos em porções separadas (cf. 34), a pluralização dos nomes de massa de líquidos,

substâncias, materiais etc. é infeliz, e se torna inaceitável ou agramatical. Isso quer dizer que, uma vez modificado por *_hiko*, um nome que era considerado de massa pelos outros critérios fará referência a pluralidades de montes/ embalagens etc. (Vale lembrar que alguns alimentos individuados, como *peixou* ‘feijão’, são flexíveis, permitindo tanto uma leitura contável, pluralizável em qualquer contexto — conta-se os grãos — quanto uma leitura massiva para o feijão cozido, que precisa ser colocado em pratos ou panelas para *peixou* poder ser pluralizado. Isso acontece em todas as línguas, não apresentando novidade.)

A análise acima diz que o marcador de plural do Terena pode se combinar indiferentemente a nomes massivos e contáveis (se estamos classificando os nomes, segundo os critérios de tipo de referência e da combinação direta a cardinais), desde que no contexto de emprego haja indivíduos distintos para serem contados, sejam esses indivíduos naturais, como ‘o menino’, ‘o carro’, ‘a casa’, ou criados pela separação de substâncias/ materiais em porções. Portanto, *-hiko* está sendo analisado semanticamente como um pluralizador de indivíduos. Ele não produz indivíduos onde eles não estavam, não transforma nomes massivos em contáveis. O julgamento das sentenças (33) mostra que, num contexto em que não há separação prévia no contexto que permita contar porções, *-hiko* não é aceito com nomes de massa. Mas, uma vez que haja informação saliente sobre a existência de diversas porções ou embalagens da substância (ver ex. 34), *-hiko* é bem aceito com nomes de massa. Isso mostra que *-hiko* só gera uma interpretação, a de indivíduos; no caso dos massivos, os indivíduos são as porções separadas da substância.

Desse ponto de vista, a semântica de *-hiko* é bem diferente da semântica do *-s* do português. Basta lembrar que nomes de massa pluralizados em português têm leituras de tipos (*açúcares* podem significar o demerara, o refinado e o cristal, mas não duas ou mais

porções separadas de açúcar) ou de volume (*águas*, em *as águas da Guanabara*, significa um grande volume desse líquido, e não duas ou mais porções dele separadas, não podendo fazer referência a três poças de água). Enquanto o morfema de plural *-s* do português (ou o do inglês) não promove a leitura de indivíduos para nomes massivos, mas geralmente cria leituras aumento de volume, o do Terena, *-hiko*, ao contrário, não permite leituras de aumento de volume, mas apenas licencia leituras de pluralidade de indivíduos.

Podemos sustentar também que existe uma diferença semântico-pragmática entre nomes massivos e contáveis em Terena, quanto à distribuição do plural. Essa diferença não está no nível da morfologia, nem da sintaxe do sintagma nominal, quanto ao licenciamento da combinação de *-hiko* com o nome, mas é semântico-pragmática, de interpretação. Ela se concretiza no fato de nenhum nome contável ser estranho com plural em Terena, enquanto que os nomes massivos no plural só serão bem aceitos em certos contextos, a saber, naqueles em que a separação em porções está discursivamente ou contextualmente saliente; nos casos em que não há motivo para supor porções, os nomes massivos pluralizados em Terena não serão bem aceitos.

Nosso tema aqui, porém, não é a distinção massivo contável, mas a semântica de *-hiko*. O que mais nos interessa é que esse plural é sempre um plural de indivíduos, com leitura de aumento de cardinalidade, e não com leitura de aumento de volume. Seu domínio semântico são os sintagmas nominais, e seu emprego indica a intenção do falante de Terena de enfatizar pluralidade de indivíduos. Há uma diferença semântica bem clara entre o significado do plural nominal de línguas flexionais, como o inglês e o português, e o Terena, língua aglutinante. Além de ser marca de plural nominal, *-hiko* funciona como pronome de terceira pessoa do plural e também se combinar com nomes contáveis para formar novos nomes, resultando em nomes de agregados/ coletivos, como no caso de *ipovótihiko*.

4.2.3.4. O comportamento prosódico do sufixo *-hiko*.

Com base no que já discutimos sobre o acento em Terena, incluindo o uso do acento para identificar a palavra fonológica, podemos tratar rapidamente do sufixo *-hiko*. Na figura 6, abaixo, podemos ver um espectrograma e uma representação de onda para a pronúncia da palavra *Ø-hêwe* ‘pé dele/dela’. Vemos ali as duas características fonéticas do ‘acento circunflexo’. Pode-se notar duas das propriedades fonéticas definidoras da proeminência acentual do chamado ‘acento circunflexo’, a maior duração da vogal [ɛ:] e a maior intensidade dessa mesma vogal. Podemos ver que o acento ocorre na primeira sílaba da palavra. Na figura seguinte, 7, abaixo, temos o mesmo tipo de representação fonética, mas agora de uma produção da forma plural, isto é, *Ø-hêwe-hiko* ‘os pés dele/dela’.

Figura 6. Realização da palavra *Ø-hêwe* ‘pé dele/dela’

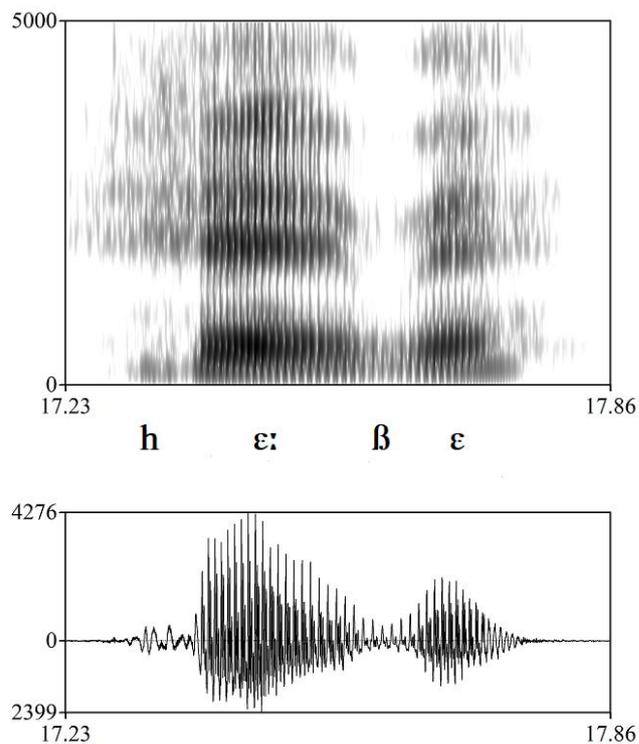
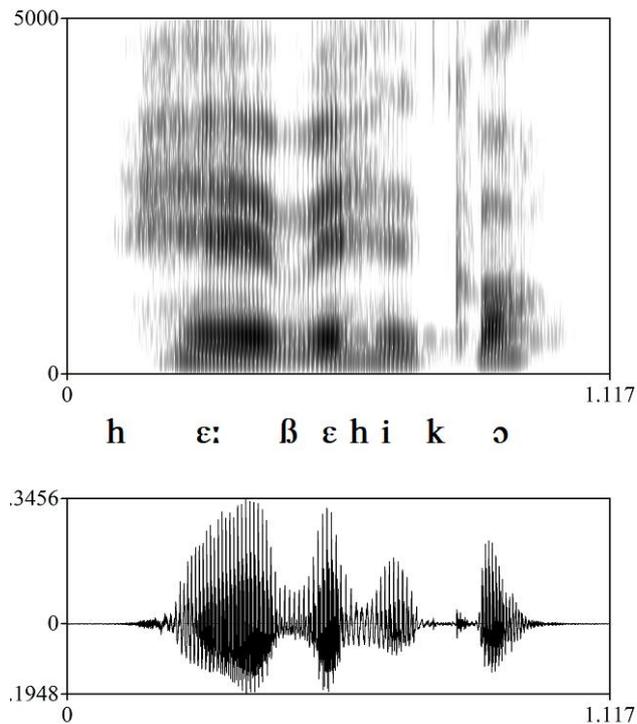


Figura 7. Espectrograma e representação de onda para a forma plural.



O ponto mais importante para a comparação das pronúncias das duas palavras é que, tanto na forma singular quanto na forma plural, o acento permanece na mesma sílaba. Adicionar o sufixo *-hiko* não faz diferença no acento da palavra.

Assim, vemos que o sufixo *-hiko* é diferente dos sufixos como *-ti*, de possuidor não específico, porque *-ti* muda o acento da base na qual ele se prende. Mas *-hiko* se parece com os Determinantes *ne* e *ra* que, mesmo quando são pronunciados juntos com outra palavra, porque são clíticos, não mudam o acento da base. No próximo capítulo, o capítulo final, vamos expor o que pensamos ser o valor dessas conclusões para as questões da escrita da língua terena e do ensino da escrita.

5. Conclusão: Domínios Prosódicos e a Escrita da Língua Terena.

Como mostramos na introdução e no primeiro capítulo, buscamos nesse trabalho contribuir tanto para a descrição e o entendimento do funcionamento da língua terena, fazendo descrição linguística, quanto para questões relacionadas com o uso da língua, e em especial da escrita, pela comunidade. Nossa ideia de abordar esses morfemas específicos, os Determinantes e o sufixo do plural, apareceu de discussões que tivemos com outros professores, sobre as dificuldades da escrita dessas palavras nos textos escritos em Terena. Acreditamos agora que o conhecimento que obtivemos, com essa pesquisa, sobre esses morfemas, pode ajudar a dar uma resposta para as dúvidas dos professores. Por exemplo: Por que alguns falantes escrevem *ne* e *ra* separados, e outros (ou os mesmos falantes, em outros textos) escrevem junto? Isso é apenas um “erro” ou pode ser explicado pela linguística? E as mesmas perguntas são feitas para a escrita de *-hiko*, o sufixo de plural.

Os Determinantes e o marcador de plural *-hiko* têm significado próprio, e são assim, morfemas diferentes. No entanto, o seu comportamento prosódico é especial. Os Determinantes *ne* e *ra* podem ocorrer pronunciados juntos com outras palavras, são os chamados *clíticos*. De modo parecido com o que acontece com outros clíticos, *ne* e *ra* podem ter uma relação de significado com um elemento em uma direção, o nome que ocorre à direita deles, mas podem se prender, na pronúncia, à palavra que ocorre à esquerda deles. Assim, quando os falantes escrevem *ne* ou *ra* junto com uma palavra, estão seguindo a pronúncia; mas quando escrevem em separado, estão indicando que são morfemas diferentes, e que, mesmo quando ocorrem juntos com outra palavra na fala, eles não formam uma palavra fonológica.

Com *-hiko* ocorre algo parecido. Quando os falantes escrevem *-hiko* separado, fazendo uma segmentação na escrita, eles representam o fato de que *-hiko* não forma uma palavra fonológica com o nome ou verbo no qual ele aparece preso. Quando escrevem *-hiko* junto, os falantes estão representando o fato de que esse sufixo modifica o elemento com o qual ele ocorre junto.

Dessa forma, nosso trabalho apresenta respostas para as dúvidas e indagações dos professores e dos gestores da escola e da Educação Indígena Terena. O trabalho poderá ser consultado e poderá servir de base quando, em futuras reuniões, surgir de novo o problema de como escrever esses morfemas. Os professores poderão também explicar o porquê das diferentes formas de escrever. Ao invés de dizer apenas que uma ou outra forma de escrever é errada, podem tentar entender, com base na pesquisa linguística, porque os tipos de escrita diferente existem, e tudo isso partindo de um conhecimento mais aprofundado da própria língua terena.

REFERÊNCIAS

- BARBOSA, Plínio A; MADUREIRA, Sandra. Manual de Fonética Acústica Experimental: Aplicações a Dados do português. São Paulo: Cortez. 2015.
- BARNER, David; SNEDEKER, Jesse. Quantity judgments and individuation: Evidence that mass nouns count. *Cognition*, v. 97, n. 1, p. 41-66, 2005.
- BENDOR-SAMUEL, John. An Outline of the Grammatical and Phonological Structure of Terêna, Vols. 1 e 2. Arquivo Lingüístico 090. Brasília, SIL-DF, 1961.
- BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes; LADEIRA, Maria Elisa. A história do povo Terena. Centro de Trabalho Indigenista, 2000.
- BUTLER, Nancy Evelyn. The multiple functions of the definite article in Terena. *Série Linguística, SIL*, 2003.
- CARDOSO, Valéria Faria. Sistema de marcação de caso em Terena (Aruak). *LIAMES: Línguas Indígenas Americanas*, v. 17, n. 1, p. 59-78.
- CHIERCHIA, Gennaro. Mass nouns, vagueness and semantic variation. *Synthese*, v. 174, n. 1, p. 99-149, 2010.
- COULMAS, Florian. *Writing Systems: An Introduction to their Linguistic Analysis*. Cambridge: CUP. 2003.
- EASTLACK, Charles. Terena (Arawakan) Pronouns. *IJAL* 34: 1-8, 1968.
- EKDAHL, Elizabeth Muriel; GRIMES, Joseph E.. 1964. "Terêna Verb Inflection", *IJAL* 3:261-268.
- EKDAHL, Elizabeth Muriel; BUTLER, Nancy Evelyn. 1979. *Aprenda Terêna*, Vol. 1 (Brasília: Summer Institute of Linguistics), 223 p. and Vol. 2 (archive #165: Summer Institute of Linguistics).
- GOMES, Ana Quadros. Línguas Indígenas Brasileiras: O novo campo de provas dos universais linguísticos. *LIAMES: Línguas Indígenas Americanas*, Campinas, SP, v. 15, n. 1, p. 149-165, jan. 2015. ISSN 2177-7160. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/liames/article/view/8641500>>. Acesso em: 21 jan. 2018. doi:<https://doi.org/10.20396/liames.v15i1.8641500>.
- JULIO, Aronaldo; SANCHEZ-MENDES, Luciana; e QUADROS GOMES, Ana. The count-mass distinction in Terena. Manuscrito.
- JULIO, Aronaldo; SOUZA, Claudete Cameschi de. *Língua Terena: Contribuições para sua documentação*. Trabalho de conclusão do Curso de Licenciatura Intercultural Indígena Povos do Pantanal, da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campus de Aquidauana. 2013.
<http://www.letras.ufmg.br/lali/PDF/LINGUA%20TERENA%20relat%C3%B3rio%20Aronaldo.pdf>
- LIMA, S. O. ; QUADROS GOMES, Ana. The interpretation of bare singulars in BP: grammatical and cognitive biases. *Revista Letras (Curitiba)*, v. 93, p. 193-209, 2016.
- LINK, Godehard. *The Logical Analysis of Plurals and Mass Terms: A Lattice-Theoretic Approach*. 1983.

- NASCIMENTO, Gardênia Barbosa Neubaner. Aspectos gramaticais da língua Terena. Dissertação de Mestrado. Belo Horizonte, UFMG, 2012. 127pp
- PARTEE, B. H. 1996. 'The development of formal semantics in linguistic theory'. In S. Lappin (ed.) 'The Handbook of Contemporary Semantic Theory', 11–38. Oxford: Blackwell. http://bhpartee.narod.ru/Partee_1996DevelofFormalSemantics.pdf
- Protocolos de elicitación do projeto de pesquisa internacional “A typology of count, mass and number in Brazilian languages” (Uma tipologia de contáveis, massivos e número em línguas brasileiras), https://suzilinguist.files.wordpress.com/2017/04/a-typology-of-count-mass-and-number_program.pdf- e apresentações orais no de mesmo nome, ambos coordenados por Suzi Lima (University of Toronto e UFRJ) e Susan Rothstein (Bar-Ilan University). Museu do Índio (RJ). 30-31 de agosto de 2017.
- QUARESMA, F. de J. P.; FERREIRA, M. de N. de O. Políticas nacionais para o ensino da língua indígenas: inclusão e identidade. Recorte. Mestrado em Letras: Linguagem, Discurso e Cultura/UNINCOR. Ano 8, nº 02. Disponível em: <file:///C:/Users/Andr%C3%A9a/Downloads/DialnetPolíticasNacionaisParaOEnsinoDasLinguasIndigenas-3872103.pdf>
- ROSA, Andréa Marques. Aspectos morfológicos do Terena (Aruák). 2010. Dissertação de Mestrado.
- ROSA, Andréa Marques; DE SOUZA, Claudete Cameschi. Morfemas Pronominais do Terena (Aruák). Polifonia, v. 21, n. 29, 2014.
- ROSA, Maria Carlota. Introdução a Morfologia. São Paulo: Contexto. 2010.
- SILVA, Denise. Estudo Lexicográfico da Língua Terena: Proposta de um Dicionário Bilíngue Terena-português. 2013. Tese de Doutorado. Tese de doutoramento). Araquara, São Paulo: Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho.
- TURÍBIO, V. L. G., & dos Santos LANDA, B. (2015). As políticas educacionais na escola indígena da aldeia Cachoerinha/Miranda-MS e a representação dos habitantes da aldeia sobre a escola. *anais do ENIC*, 1(2).
- VARGAS, Vera Lúcia Ferreira. A construção do território Terena (1870-1966): uma sociedade entre a imposição e a opção. Dourados: UFMS, 2003.

Anexo 1 – Exemplos de segmentação de textos escolares em língua Terena

aluno(a): Evelyn 4º ano A

Data: 11-08-15

Karékera

emo noma Karékera ngá'a isáneke,
 kavanea hiko énom enepo poroxóne há'a
hiko ya pitivokoku.
 Kosti vihuinovatira nóne hiko ngá'a
 ya isáneke.



29 05 2014

Ihā' hiko ho'opene

Enepe ku xati, xane, ~~keke~~ ko yuhua
 hiko, epo simoa, ho'opene, koekuti ye
 ho'opene ko yuhua hiko. ita keode
 mai xati, i huna xapa.
 Ku teati ho'opene. ko hati
 bim-te-ki, i mo keode. xuriku
 olo ku xane. ou xapake apo i ti xodo,
 hiko. seno hiko. arekea mate, meku ke
 mahi mai xati, i haki kea seno.
 ko'e. eseti. ma xane meku ke
 . Ako to pi xane, pai hane
 eseti ma bim-te-ki enjo.

29/05/2014

Shae hiKo Substantivo.Maradua.

Em 1942.ovo kuluhi ko terena, mekuke
 umahi ai nollo. hi ko ti koti, etakati
 ituko hi ko. parede ma hi ko, Akolo
 hi ko mekuke. kohati ti xulu, mubikova
 ka'aya te ya, exexoti yuko me peno
 ai nollo kohati sape en ti koti
 kohati Cewi.

Xoko kali olokui eno ovati, xe'escapa
 sina, sinena, ho'uxo. Koye hi ko
 Xoko kali olokui.

S pena. hi ko ai nollo, kohati ng'raus.
 i nollo kuluhi ko mekuke, ~~pena~~
 hane ituko maka kali ramapui
ipena hi ko. ai nollo in hanketi bambu
 yoko ceuro.

Ako ivatia kuku mubikova mesana
 ai nollo kohati este ra yoko piri, hituri.

Aluna Maniella 3^o Ano.

out. 2015

Kai yoko oval

Enêpera éretinatu kénokoa
vitukinea visêneu.

Éretina Kai yoko oval enêpene
Kai itaikoti oval parikâreokoko keane
îhe'eyea Kai ne oval, voloku ako'eyea
ehakapu.

Yane turîpovone ehâkeovo hiko ra
piâti keane ne Kai uheati ne oval
voloku heo' Kaiyaa.

Pihoné, pihoné hiko ehâkeovo yane
keane ra Kai imôngotiko volokuku ako
yehakapu, metovaike omomînguea, ya ako
ngureopi tumunêke yane imoké keane
ra Kai yoko ne oval am'ûkeane hiko
Kâyuka kotivlâti inomayea îheia Kai.

Yane iyukovo ra Kai simone ne oval
koko hînokoku ehâkeovo hiko.

Enemone kénokino ako'eyea vokomôhia
ne paimu îti, kénokoa hurorôcea îti ne
paimu îti.

Marta Tânia

29/05/2014

Escola Estadual Indígena Cacique Timotéo

Data,

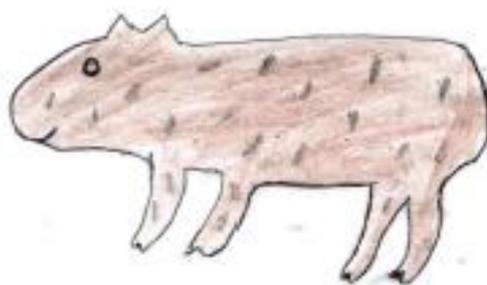
Aluna: Aldemira

prof: Arnaldo Julio

Trabalho de Língua Tsera.

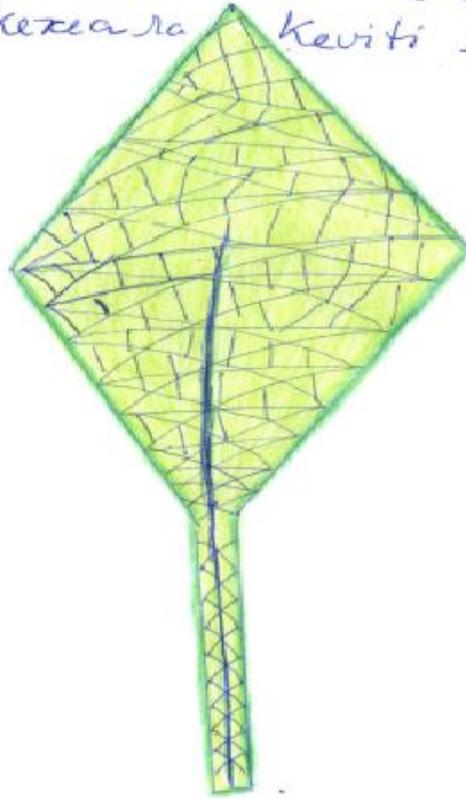
Kapivara.

Opone Kapivara ho'opono ihai
 Inai. Yomoti une hiuru kiko
 re'ixa pibe re'oku une. une
 kajomo ova ya. Opone ka-
 pivara akainano ita rane maxa
 keati neno kaipakeati hiko, vo'oku
 nikokono neno naum ni Kapivara
 kine Yara timokune uti, akore
 amotera kaipahi kiceakano ka
 kuti kaipavoku ho'opono, aine
vone hiko ma'aneti.



aut. 2015

A'pe hoxeno ihae mbokoti o'hu (Hoto) ko'ha,
 éxotine úhekezea keviti na ótu, tuti
 éxate úhekezeara keviti itukôa.



KEVÎTI

29/05/2014

Pequenos textos
Sobre aldia cacharinha.

Olokuke xane meku, eno umeku abjetas ituke
 ceramica yoko letaria.
 haunia peihane seno itukoa
 umuhikova ho yeno hu lo'oxo seno me kuk
 Pone teranila utukoa hiko pate hoko
 turuno. etc.

Yomemo itukeolo me ceramica,
 muyastiko me nomemo,

epo usone me ituke kuitati me pate
 komo'io'ioa hiko xoko kaxe.

Yane iansone o'lea xoko kaxe, oso'ioa
umaka hiko, xane umeku me ceramica.



Agosto / 2015

Xuve pânana hiko



Eno xuve pânana nône hiko
 para koati
 xuve pânana hiko
 isaneke, koane

ra nza'a isaneke.
 ka'iti hiko
 nône ra nza'a ya
 para itivetinse hiko.

ÉXETINA ÓVOE



Undi óvoe Koâti Koimatira
 Nône itea Uhe'ékotira Mondoki
 Vã Iháxakexo.

Enepora mondoki, Indukoãmaka
 Ôvongura mondokê, Vôku ako
 Ongoku ya Kuvéú méum, Koâti
 yonóndi xomoiyêã Nge·oixeovo
 yónea.

Alfabetizadora: Jania Antonio da Silva

Setembro 2015

Anexo 2 – Exemplos de elicitación semântica

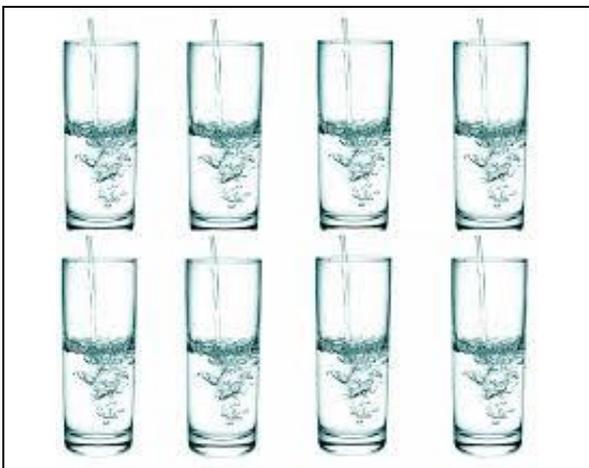
I- Testes de valores de verdade:

É natural dizer *Noinjo une hiko* ‘vejo águas-plural’ nestas cenas?

Cena 1:



Cena 2:



Cena 3:



II- Testes de julgamento de quantidade:

Quem tem mais, João ou Pedro?

  <p>Xuâum</p>	  <p>Peturu</p>
<p>Peturu enoêno póko ya Xuâum. Peturu QUANT cuia PREP Xuâum 'Pedro tem mais cuia que João' _ escolha de cardinalidade</p>	

  <p>Xuâum</p>	  <p>Peturu</p>
<p>Xuâum êno asuka-na ya Peturu. Xuâum QUANT açúcar-LOC PREP PeturuXuâum. 'João tem mais açúcar que Pedro' _ escolha de volume</p>	

III- Tarefa de produção estimulada:

Fale em terena que você vê nessa cena.



kopénotihiko oxotihiko
‘Indígenas tocando’



uhorohiko ruanake pitivoko
‘Buracos na rua da cidade’



yomomo ruake
‘lama na rua’

IV- Testes de julgamento de gramaticalidade:

(i) Como se diz ‘o conjunto de roupas de uma pessoa’ em Terena?

- *ipovótihiko*

(ii) Como se diz ‘3’ em Terena?

- *mapo*

(iii) *Noinjo mopo ’âti ipovótihiko* (‘eu vi 3 conjuntos de roupas’) é uma sentença natural?

Posso dizer assim?

-Não. Pode dizer *Noinjo mapo ’âti ipovóti* (‘eu vi 3 peças de roupas’) ou *Noinjo ipovóti* (‘eu vi as roupas [de alguém]’)